

A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO MUSICAL:
UMA AVENTURA PARA O MAIS ALÉM DA MÚSICA



(ORGANIZAÇÃO)
DANIEL BORTOLOTTI CALIPO

CAMPINAS, 2016

FICHA TÉCNICA

Capas: Livro e Cd

Rafael Marquette

Autores de relatos

Arlete Simone Ribeiro
Daniel Bortolotti Calipo
Luciane Comoli
Maria Alice
Maria Angélica Baraçal
Rejane Ricarda da Silva
Rosinete Setubal
Simone Furquim

Co-autores

Alexandre da Silva
Alci Mara Solano Lopes Silva
Aline Moreira Rodrigues Leite
Ana Maria Russo da Silva
Ângela Rita Silva
Andreia Cristina Aparecida Neves
Beatriz Tereza leite
Cristiane Aparecida Piccirillo Batistela
Douglas Antonio Lopes Porto
Eliane Pedroso Fernandes
Fatima Aparecida Gongora da Silva
Helena Cristina Zancheta Garofalo
Ilda Prado Costa de Lima
Marcia Helena Merki
Márcia Regina
Márcia Aparecida Alves Soares
Maria Dorcilene Brambila Catosso

Patrícia da Conceição Freire Sandra
Lopes
Simone de Paula Nascimento
Tatiana Priscila de Queiroz Dupas Valim
Valéria Regina de Oliveira
Valéria de Lima
Vívian Deomedessi dos Santos

Colaboradores

- * Antônio Xavier da Silva (membro da Associação dos Educadores e Educadoras Sociais do Estado de São Paulo. AEESP).
- * Cristal Estúdios (captação e edição de áudio)
- * Paulo Evans: coprodução musical

Produção musical do Cd Brinca-Música

Daniel Bortolotti Calipo

AGRADECIMENTOS

Nós, autores e coautores desta obra mais que musical agradecemos profundamente:

- À Giselle Alessandra Marchi, por dizer SIM ao conhecimento dos profissionais da educação de Campinas e, com isso, legitimar o saber da experiência de seus educadores e educadoras.

- Aos agentes, monitores e monitoras, professoras e professores que se aventuraram a atravessar o oceano da educação no barquinho da música.

- Às crianças do CEI Margarida Maria Alves, por alimentar nossa viagem musical com seus desejos de musicar a vida.

APRESENTAÇÃO

Ao conhecer a embarcação percebi que a viagem poderia ser linda. Agora quando sou chamada a participar da viagem pela apresentação deste livro tenho a certeza que a viagem está sendo linda e ainda tem muito a navegar. Tenho então a honra e a felicidade de apresentar: “A formação para Educação Musical: uma aventura para além da música”. Dentro deste livro os leitores encontrarão as narrativas de experiências e vivências de professores, agentes, monitores de educação infantil e crianças com a formação e a educação musical.

Conheci o trabalho do professor Daniel B. Calipo em 2009, quando ingressei como coordenadora pedagógica no Núcleo de Ação Educativa Descentralizado - NAED Sudoeste. O trabalho realizado, por ele, sempre enfatizou a importância de uma educação musical para e com as crianças e os profissionais da educação, considerando as especificidades da educação infantil, como o lúdico e a fantasia. Esse trabalho acontece até hoje num processo cada vez mais amplo.

O trabalho atravessou os limites da escola e encontrou eco na formação continuada, oferecida aos profissionais da educação. Iniciativas como esta fomentam a reflexão dos profissionais em relação às linguagens artísticas que perpassam a Educação Infantil.

Esta viagem é da linguagem musical. Nesta embarcação o leitor terá a oportunidade de viajar pelas inúmeras experiências vivenciadas por adultos/crianças, crianças/crianças, adultos/adultos na educação musical. Poderá também perceber o quanto nossos adultos e crianças da Educação Infantil são criativos, quando livres de concepções fechadas e acabadas, podendo criar e vivenciar a música como parte indissociável da vida.

Então convido a todos e, todas, a embarcarem nesta viagem formativa para descobrir as inúmeras possibilidades da educação musical na Educação Infantil.

Giselle Alessandra Marchi
Coordenadora Setorial de Formação

SUMÁRIO

PREFÁCIO

“Movimentos de prazer e alegria”.....	09
---------------------------------------	----

Guilherme do Val Toledo Prado

INTRODUÇÃO:

A bússola de navegação

Daniel Bortolotti Calipo

01° Abrindo o mapa: Qual rota pedagógica nos leva ao conhecimento musical criativo?.....	12
02° Um Norte metodológico aos cursos de Formação em Educação Musical.....	16

PARTE I – AÇÃO MUSICAL EDUCATIVA (RELATOS DE EXPERIÊNCIA)

Daniel Bortolotti Calipo

03 ° Compondo com as crianças um Cd de canções inéditas.....	21
04° O trem musical: fantasia e ritmo entrelaçados.....	26
05° O jogo como atividade musical.....	28
06° A arte no contexto da educação formal não é produto e sim processo....	30
07° Compondo, brincando e gravando com os educadores.....	39

PARTE II – AS CANÇÕES DO CD BRINCA-MÚSICA E SUAS BRINCADEIRAS

Cursos de 2012, 2013 e 2014

08° O grupo Brinca-música.....	41
09° O Baião da Coruja & A Dança dos Bichos.....	42
1 0° Chuta Bola Gol & Futebol Cooperativo.....	45

11° Olha o Saci & Pegue o Gorro do Saci.....	49
12° Frevo do Beleléu & Beleléu vai pegar.....	53
13° Vovô e Eu & Passear de Trem.....	57

**PARTE III – A INTERFACE DA SUBJETIVIDADE DO EDUCADOR NO
TRATO OBJETIVO DAS ATIVIDADES MUSICAIS (RELATOS DAS EDUCADORAS)**

Curso de 2015

14° Nota introdutória.....	62
<i>Daniel Bortolotti Calipo</i>	
15° Pula ou Pula Maria?.....	64
<i>Educadores do curso de formação em educação musical de 2015</i>	
16° Ritmo na lata.....	66
<i>Luciane Comoli - CEI Carrossel</i>	
17° Nossa canção nossa alegria.....	71.
<i>Maria Alice – CEI</i>	
18° A Turma do Peixe navegando pelas águas nordestinas.....	75
<i>Rosinete Setubal – CEI Amélio Rossin</i>	
19° Sonorização da história “Um tanto perdida”.....	78
<i>Simone Furquim – CEI Sônia Lenita G. T. Câmara</i>	
20° Apropriação da Bandinha Rítmica.....	83.
<i>Arlete Simone Ribeiro – CEI Regente Feijó</i>	
21° O ritmo é seu!.....	88
<i>Rejane Ricarda da Silva - CEI Apóstolo Paulo</i>	
22° Criando a música da mascote.....	91
<i>Maria Angélica Baraçal – CEI Benjamim Constant</i>	

PREFÁCIO

MOVIMENTOS DE PRAZER E ALEGRIA

Ver professoras e professores manifestando-se por outra linguagem, que não a verbal oral ou escrita, majoritária em nossas práticas linguageiras no campo educacional...

Ouvir professoras e professores a constituírem um modo de comunicação a partir e com a linguagem musical... E uma constituição no diálogo, imaginário ou real, com crianças de Centros de Educação Infantil...!

Poder ver e ouvir, a partir da expressiva manifestação musical de professoras e professores e suas crianças, o registro de uma trajetória de produção linguageira que favorece e amplia o repertório de saberes e conhecimentos de professoras e professores e de crianças...

Estou muito gratificado e satisfeito por poder ver e ouvir na obra “A formação em Educação Musical: uma aventura para o mais além da música” todas essas manifestações artístico-musicais produzidas por professoras e professores, inspiradas pelo encantamento de um professor de música que acredita que esses profissionais, mobilizando seus conhecimentos e saberes, podem sim aprender música e educar com música.

Inspirados pelas práticas musicais e educativas do Prof. Daniel Bortolotti Calipo, organizador da obra, em parceria com um grupo de profissionais da educação da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, professoras e professores da Educação Infantil e colaboradores, o livro apresenta não só as produções reflexivas destes profissionais nos anos de 2012 a 2015, como também nos dá a possibilidade de conhecer diversas cantigas e músicas que são criativamente mobilizadas nas atividades educativo-pedagógicas do cotidiano da Educação Infantil.

A parte I do livro apresenta uma rica trajetória reflexiva do Prof. Daniel e seus colaboradores que evidencia as práticas educativas mobilizadoras de saberes e conhecimentos musicais, bem como evidencia como se deu a produção de práticas musicais com crianças e professoras na Educação Infantil. E mais! Como se deu a produção de CDs com músicas criadas e interpretadas pelas crianças, professoras e monitoras da Educação Infantil... E como as produções musicais e artísticas das crianças

e a performance musical do professor produziram o CD “Músicas de Crianças” da CEI Margarida Maria Alves.

Já a parte II do livro é dedicada à apresentação do Brinca-Música, nos anos de 2012 a 2014, composto por agentes, monitoras e monitores, professoras e professores de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação da Cidade de Campinas. O rico material que se encontra nesta seção possibilita não só conhecer o repertório musical deste grupo de profissionais da educação, como também nos dá a oportunidade de explorá-lo, tanto a partir das cantigas como das canções expostas em músicas cifradas. Além da apresentação das cantigas e músicas, as educadoras sugerem atividades educativo-pedagógicas aos leitores e sugestões de leituras de textos e brincadeiras a comporem essas atividades, apresentando não só o conhecimento do campo musical como também do campo profissional educativo.

Vale a pena conferir a canção “Frevo do Beleléu” e a brincadeira “Beleléu vai pegar!”. Além de muito divertida, a conversa proposta com os educadores mobiliza-nos a pensar em como tornar a rotina mais divertida a favor do zelo e do compromisso com a organização do espaço educativo.

Por fim, na parte III do livro, existem relatos das educadoras, constituídas a partir do Curso de Educação Musical “Vivências e criatividade da música na educação infantil”, ministrado no ano de 2015, pelo Prof. Daniel, que diz: “Com estes relatos nos aventuramos a não somente descrever possíveis atividades de educação musical, mas principalmente situar o sujeito criativo em sua prática formativa. Tornando-o não somente ouvinte de assuntos pedagógicos de seu interesse, mas fundamentalmente o produtor de seu conhecimento educativo”. E eu incluiria– conhecimento pedagógico e musical também!!!

São relatos que evidenciam os conhecimentos e saberes das educadoras da Educação Infantil da SME de Campinas e vão além, evidenciando também a sensibilidade de um grupo de educadoras que tomam da cultura infantil o mote para orientar suas práticas pedagógicas cotidianas com músicas e cantigas que transformam o ideário das práticas educativas escolares. Estas educadoras, em colaboração com as crianças, produzem “movimentos de prazer e alegria”, como dito por uma das narradoras desta parte do livro.

O que essa obra indica é que quando outros conhecimentos do campo da formação são mobilizados por profissionais da educação, comprometidos com a ampliação do repertório cultural das crianças, jovens e adultos, motivo das práticas

pedagógicas no campo educacional, ganham os educadores, ganha a sociedade e a comunidade por verem materializados diversos produtos culturais que dialogam com os saberes e conhecimentos escolares!

O que os textos presentes na obra “A formação em Educação Musical: uma aventura para o mais além da música” nos mostram que vale a pena assumir o risco de enveredar por práticas culturais que educadoras e educadores não têm muita desenvoltura. Vale arriscar, amparado por profissionais comprometidos e comprometidos com a ampliação do repertório cultural como o Prof. Daniel, a lançar-se em práticas artísticas que, nós, profissionais da educação temos pouco conhecimento.

Os textos revelam o compromisso dos profissionais da educação em produzir conhecimentos e saberes, implicados com a vida na instituição escolar e com a construção de novas teorias e práticas formativas que desenvolvam seus educandos e educandas para uma sociedade mais justa, democrática e, é claro, muito mais musical!!!

As práticas culturais presente na sociedade, com especial destaque para as práticas musicais, não só descortinam outras possibilidades de fazeres outros nas instituições educacionais, como possibilitam novas orientações formativas e educativas no cotidiano destas instituições, viabilizando o aprimoramento e desenvolvimento não só dos educandos, como preconizado pelo mestre Paulo Freire, mas também das educadoras e educadores, profissionais da educação.



Professor Dr. Guilherme Prado em diálogo não verbal com Professor Daniel Calipo

Guilherme do Val Toledo Prado
Santos, 30 de abril de 2016.

Guilherme do Val Toledo Prado é Prof. Livre-Docente em Educação Escolar da Faculdade de Educação da UNICAMP e coordenador do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

INTRODUÇÃO

A BÚSSOLA DE NAVEGAÇÃO

Daniel Bortolotti Calipo

01° - ABRINDO O MAPA: AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A APREENSÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO MUSICAL

A educação infantil nos apresenta uma pluralidade de conhecimentos humanos capazes de desenvolver tanto os adultos educadores como as crianças de forma integral. A música como um destes conhecimentos possibilita um devir sem separação entre razão e emoção, tanto das crianças como de seus educadores. As atividades musicais propostas neste contexto educativo devem entrelaçar, portanto, a objetividade conceitual da música aos infindáveis significados de seus executantes. A criança e seu educador incorporam os sons, os ritmos, tonalidades subjetivamente, atribuindo a estes conceitos musicais, valores e entendimentos que lhes são pessoais, porém todos com uma só intenção: experimentar coletivamente a viagem musical pelo imaginário da criança.

Chamo de objetividade musical alguns conceitos explorados, legitimados e difundidos pela história da música ocidental, tais como harmonia, melodia e ritmo, dentro da esfera da música tonal e, mais especificamente, do cancionário infantil e da música popular brasileira. Não quero com isso restringir a matéria da música a estes conceitos, mas apenas situar meus limites de entendimento musical.

Entretanto, o que vem conduzindo os currículos da primeira infância e posteriormente os primeiros anos do ensino fundamental são perspectivas pedagógicas tradicionais que visam trabalhar os diferentes conhecimentos humanos de forma separada e isolada, fragmentando o conhecimento. A música dentro desta concepção é vista como algo pronto e acabado, que somente deve ser transmitida à criança como um produto a ser aprendido e reproduzido. As crianças são obrigadas a experimentarem atividades musicais estritamente conceituais e objetivas, com conteúdos préestabelecidos em cartilhas que esperam resultados predeterminados e descartem

quaisquer sentimentos inesperados e significações do próprio executante, causando, com isso limitações no alcance de novos horizontes à navegação no mar da música.

Mas continuamos apenas cantando canções que já vêm prontas, tocando os instrumentos única e exclusivamente de acordo com as indicações prévias do professor, batendo o pulso, o ritmo, etc. quase sempre excluindo a interação com a linguagem musical, que se dá pela exploração, pela pesquisa e criação, pela integração de subjetivo e objetivo, de sujeito e objeto [...] (BRITO, 2003, p.52).

E no que podemos ser diferentes em nossas práticas musicais no contexto da educação infantil?

Primeiro temos que nos distanciar do uso da música para outros fins, como por exemplo, marcação da rotina escolar, alfabetização, controle e ordem das crianças ou tão somente para o complemento de conteúdos do currículo pedagógico. (BRITO, 2003). Há, contudo, como pensa também *Lígia Prando* (coordenadora pedagógica da rede municipal de educação de Campinas), há uma possibilidade de relação da música para com as outras linguagens; relação esta capaz de potencializar as expressões artísticas das crianças e suas experiências com os diferentes conhecimentos.

Em perspectivas pedagógicas sócio-construtivistas, que consideram a educação infantil como o lugar privilegiado das interações simbólicas entre as linguagens infantis, no qual a criança é o sujeito protagonista das ações educativas e da construção do conhecimento, a música pode ser incorporada como a manifestação de ser do sujeito no mundo, sendo por sua vez também uma linguagem que potencializa essas ações, justamente por estar imbricada, a música, em relações entre as subjetividades das crianças frente à realidade que as envolvem. Neste viés, este processo de construção do conhecimento passa a ser sensível-criativo.

“A criatividade parece emergir de múltiplas experiências, juntamente com um desenvolvimento estimulado de recursos pessoais, incluindo um senso de liberdade para aventurar-se além do conhecido”.
(EDWARDS, C.1999, p.87).

A partir daí, nosso pensamento musical pode se expandir aos pressupostos da linguagem em seu sentido filosófico, cabendo-nos atribuir uma profunda correlação do

músico ao seu contexto de expressão. Os atributos e significados da música imbricam-se às situações sócio-educativas vividas pelas crianças, deslocando a ênfase do objeto para o sujeito, ou seja, da música para o seu executante, este que, dentro de seu mundo de relações, predica sua musicalidade.

Em outras palavras, como já dito, a música como uma linguagem do conhecimento infantil não pode ser trabalhada com as crianças de forma isolada, tem de estar integrada às outras linguagens infantis. Pois para a criança, a construção do conhecimento é fruto de um profundo diálogo entre a literatura, o jogo, a música, o teatro, a dança, enfim as cem linguagens da criança. (EDWARDS. 1999).

E como se dá esta construção?

As crianças não aprendem música por atividades rítmicas repetitivas ou por inculcar modelos e padrões estéticos musicais pré-determinados. Ao contrário elas começam a perceber a musicalidade nas brincadeiras de faz de conta, em seus jogos de roda preferidos, quando percebem a música como um potencial criativo de expressão e movimento para integrar corpo, razão e emoção. A forma de explorar e organizar musicalmente o conteúdo da educação infantil possibilita uma apreensão e percepção do real esteticamente integrada. “... o sensível e o inteligível estão necessariamente integrados”. (BRAIT, 2013).

A brincadeira de faz de conta, se não a fantasia é o resultado da criatividade das crianças em combinar elementos da realidade com elementos da subjetividade. É para criança o principal recurso para o aprendizado musical (SCHROEDER & SCHROEDER, 2011).

As crianças, como um ser humano social, aprendem os conhecimentos culturais e as regras de sua sociedade vivenciando experiências lúdicas, tanto fora da escola como nos espaços formais de educação. Por meio da imaginação são capazes de recriarem fragmentos realísticos dentro das suas brincadeiras, representando os papéis dos atores sociais com os quais interagem cotidianamente, expressando seus sentimentos e pensamentos, criando um movimento lúdico-fantástico capaz de promover um conhecimento potencialmente criativo e significativo da realidade.

Sendo assim, também não é a criatividade um compartimento isolado do ser humano que brota do nada, em qualquer hora, sem algum propósito. Para sermos criativos precisamos estar interagidos com as experiências acumuladas da cultura, conhecimentos outrora construídos, outras fantasias e recordações para potencializarmos nossa capacidade de ação no mundo, em busca de conhecê-lo. (VYGOTSKY, 1987).

Para tanto, faz-se necessário que o educador proporcione atividades musicais dentro de contextos educativos integrados por diferentes linguagens infantis, de modo que as crianças possam tecer uma ligação entre, por exemplo, tocar um instrumento e se sentir uma princesa, ou cantar uma canção sendo um pirata de “verdade”, ou ainda compor uma nova canção a partir de uma história da literatura infantil que, por exemplo, tenha marcado a turma. A criança vai se interessar e construir um conhecimento musical quando ela significar esta música dentro de um contexto educativo-social criado por ela mesma para apreender a realidade circundante. A criança é um ser ávido por conhecer!



Paulo e Davi do CEI Margarida Maria Alves, brincando com a música do pirata, de autoria deles. Ano de 2014

Deste modo, criatividade passa a ser um instrumento chave para o aprendizado musical infantil. As crianças não são criativas por um dom especial da natureza. A criatividade da criança dependerá do quanto ela irá saborear de um substrato cultural existente, social ou particular, proposto pelo educador em cumplicidade com a criança e, das relações de aprendizagem que ela conseguir fazer, a partir de sua subjetividade para com este substrato. *“Por isso, a conclusão pedagógica sobre a necessidade de ampliar a experiência da criança se queremos proporcionar a elas base suficientemente sólida para sua atividade criativa.”* (VYGOTSKY, 1978, p.18. tradução nossa).

Por fim, cabe aos educadores remar ao encontro de novas experiências musicais, cênicas, plásticas, científicas, etc., a fim de ampliar seu repertório cultural e transbordá-lo às crianças. Isso proporcionará aos atores da educação infantil possibilidades de relações criativas entre estas diferentes experiências de aprendizados, significativos do nosso vasto mundo do conhecimento.

02° - UM NORTE METODOLÓGICO AOS CURSOS DE FORMAÇÃO

;

Quando iniciei os cursos de formação em educação musical pela Secretaria de Educação do município de Campinas, entre os anos de 2012 a 2015, considerei, para propor uma metodologia diferenciada ao desenvolvimento da temática em questão, todo meu conhecimento em educação musical construído, a tempo, dentro de um processo pessoal de amadurecimento teórico, coletivo e inacabável. Busquei aprofundar uma didática que referendasse a homologia dos processos: aproximar os educadores de uma forma de construção do conhecimento musical que fosse, na prática, parecido ao que eles poderiam tecer, junto as suas crianças, na aventura do desvendar da música.

Se me pegasse preso a uma teoria tradicional do conhecimento, ao contrário do que tentei caracterizar também nesta introdução como uma possível pedagogia sócioconstrutivista à educação musical, promoveria práticas formativas isentas de diálogos na arquitetura do conhecimento, uma vez que este se encontraria pronto e acabado, apenas esperando ser transmitido do professor para o aluno. Estabelecer-se-ia assim, uma relação hierárquica de quem “ensina” sobre quem “aprende”. (FREIRE, 1996). Obtendo como processo e produto desta formação uma contínua repetição tanto das formas, como também dos conteúdos, já existentes sobre a educação musical. Dificilmente poderíamos encontrar uma relação de aprendizagem criativa, na qual os conhecimentos construídos não fossem significativamente situados e identificados pelos próprios sujeitos da formação. A ideia de um sujeito situado em seu contexto de relação sócioeducativa impede a realização de uma ação formativa que desconsidere o Outro como fonte do conhecimento. Sendo este Outro os próprios educadores em formação, as crianças do ato educativo e o formador:

“A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu-para-si, condição de formação de identidade subjetiva, é também um eu-para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido.”

“Essa noção de sujeito implica, nesses termos, pensar o contexto complexo em que se age, implica considerar tanto o princípio dialógico, – que

segue a direção do interdiscurso, constitutivo do discurso, mas não se esgota aí – como os elementos sociais, históricos etc. que formam o contexto mais amplo do agir, sempre interativo”. (BRAIT, B. 2014, ps. 22 e 23).

Estabelece aqui, para estas definições que a música é uma linguagem latente do conhecimento humano; com potencialidade de emergir a realidade de cada um de nós, capaz de compor, junto a outras linguagens, um rol de manifestações artísticas para o ser e estar dos sujeitos no mundo. Quando nos encontramos musicalmente dentro de uma perspectiva do inacabado, compreendemos que as formas e conteúdos sobre a matéria musical não são verdades imutáveis. Permitir-se-á aos atores da educação musical conceber novos olhares e valores de interpretação para uma ideia rítmica, ou frase melódica, por exemplo, e com isso, atribuir, a tais formas e conteúdos, uma matéria musical passível de resignificação e transformação. E isto se dá tanto na subjetividade de cada um, como nas reflexões dos discursos coletivos entre os pares formativos. A criança passa a ser também o par formativo do educador, assim como este o é para as crianças e, por demais dizer as crianças com elas mesmas e os educadores entre eles.

Estabelece-se uma profunda tentativa dialógica entre estes diferentes atores destas relações horizontais de aprendizagem, a fim de se chegar a uma síntese, mesmo que momentânea, sobre o que nos possa representar como conhecido, num dado ponto da história. Não há uma pretensão por um acabamento do conteúdo a ser desvendado. Tanto o educador como as crianças se tornam cúmplices do processo de construção de um conhecimento, portanto, criativo, significado, identificado, situado, coletivo e inacabado. Partimos todos para um caminho estético inimaginável, mútuos sujeitos do ato educativo.

Essa síntese momentânea precisa ser registrada para que se efetive como um marco na história do conhecimento encontrado. O fazer deste registro é parte constituinte da busca do que se quer conhecer, ao contrário de mera formalização ou prova do apreendido. A forma do registro cabe ao que se quer encontrar, na intenção final do diálogo e, assim como este não se restringe à linguagem escrita ou oral, ainda mais para o campo da música, evade ao não verbal, às formas sonoras e musicais da conversa.

Para, além disso, criamos a certeza de que este educador musical dialético está, por fim, viajando em uma contínua corrente marítima de formações, por estar sempre

preso no ato educativo se relacionando com outrem. Do seu encontro dialógico verdadeiro com seus pares depende seu levante ao conhecimento e a visão do norte à sua navegação, no mar da música.

Nota sobre o organizador e autor do livro

Daniel B. Calipo é graduado em Pedagogia, músico e compositor autodidata. Compôs mais de cem canções no gênero popular, das quais muitas na linha infantil. Produziu o Cd: “Chão no meio do mar”, gravado em duas versões: português e espanhol; o Cd do Brinca-Música, o CD: “Músicas de crianças” e gravou outras tantas canções de sua autoria em Cd’s independentes. Realizou inúmeras apresentações musicais solos e com bandas, principalmente na região de Campinas. Há doze anos vem realizando diferenciados trabalhos com a educação musical. Há sete anos atua na prefeitura de Campinas, como professor da educação infantil e formador de professores e monitores.



Professor Daniel

BIBLIOGRAFIA

EDWARDS, C. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância; trad. Dayse Batista. – Porto Alegre: Editora: Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

BRITO, Teça Alencar. Música na Educação Infantil. – São Paulo: Editora: Peirópolis, 2003.

DEWEY, J. A arte como experiência; trad. Anísio Teixeira. – São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

VYGOTSKY, L. S. La imaginacion y el arte em la infância. Madrid, Espanha: Akal, 1982. Capítulo I, II e III – Arte e Imaginacion – p. 7 a 38,

REGTMAN, D. C. Música transpessoal: Uma cartografia Holística da Arte, da Ciência e do Misticismo. São Paulo: Cultrix, 1989.

CHEDIAK, ^a Harmonia & Improvisação. Petrópolis, RJ Editora Vozes.

BRAIT, B. Bakhtin: conceitos-chave / Beth Brait (org.). 5. Ed., 2º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção Leitura).

_____. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

SCHROEDER, S. e SCHROEDER, J. As crianças pequenas e seus processos de apropriação da música. Revista da Abem, Londrina, V.19 / N.26 / 2011, p.105-118, jul. Dez 2011.

PRADO, G. e SOLIGO, R. (org.). “Escrever é Fazer História: revelações, subversões, superações.” São Paulo: Alínea, 2007.

BOTÍA, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de La investigación biográfico-narrativa en educación. Revista Electrónica de Investigación Educativa Vol. 4, No. 1, 2002.

PARTE I

AÇÃO MUSICAL EDUCATIVA

(Relatos de experiência)

Daniel Bortolotti Calipo



*Mudança do olhar: enxergar a criança por dentro. João lucas, CEI Margarida
Maria Alves, ano de 2014.*

03° - Compondo com as crianças um Cd de canções inéditas

Antes de me conhecer como professor da educação infantil me descobria um compositor da música popular brasileira. Tive muitas experiências neste ramo da atividade musical, enquanto interprete e compositor. Cheguei a gravar e produzir algumas de minhas músicas em um Cd chamado: “No meio do mar”, que lancei em duas versões (português e espanhol) em pequena escala no estado de São Paulo, Santa Catarina, levando este trabalho a algumas gravadoras do Chile e Argentina. Foram experiências enriquecedoras que complementaram minha formação como músico.

Para escutar este Cd na íntegra, acesse: <https://soundcloud.com/user-558604403-638573518/sets/cd-no-meio-do-mar>

Porém, também pude perceber que minha música não condizia mais com a proposta estética da música comercial, essa que tem como principal finalidade render lucros às grandes empresas fonográficas. Isto mês fez entender a existência das muitas estéticas do trabalho musical. Há uma estética à música lucrativa; uma estética à música educativa; uma estética à música cinematográfica e assim se segue tantas outras estéticas musicais.

Após a estas intensas experiências como músico e interprete, passei a me concentrar nos estudos da Pedagogia e nas possibilidades de relação da música com a educação, inicialmente no curso de graduação em filosofia, em Florianópolis, no qual desenvolvi um projeto de música com crianças de um grupo de teatro da cidade e, posteriormente na Unicamp, no curso de Pedagogia, propriamente dito. Segui nesta perspectiva da educação musical por doze anos até hoje, buscando inúmeras possibilidades de musicar a educação não formal, os movimentos sociais e a escola.

Ao mesmo tempo em que seguia construindo uma estrada na Educação, não abandonava o mar da música e continuava compondo inúmeras canções. A cada momento da minha história aprofundava-me mais em uma estética musical desinteressada da ganância do mercado, que revelasse sinceramente a expressão dos meus sentimentos e pensamentos sobre os mais diversos temas com os quais me envolvia emocionalmente e reflexivamente. Temas como a desigualdade social, a

devastação e riqueza da natureza, meu amadurecimento psicológico pessoal e, além de outros, também a vida lúdica das crianças.

Quando entrei para trabalhar efetivamente como professor da educação infantil, na rede pública do município de Campinas, descobri neste vasto campo educativo a possibilidade de constituir uma concepção pedagógica ancorada no mar da música. A atmosfera criada com as crianças das minhas turmas passou a ser muito musical! Exploramos inúmeras vertentes da educação musical, dentre as outras linguagens da educação infantil, como por exemplo: a construção de instrumentos, exploração sonora dos objetos do parque e da escola, dança e música no parque, exploração dos instrumentos da bandinha rítmica através de diferentes brincadeiras, apreciação da música ao vivo, cortejo musical pela unidade escolar e a composição de canções. Esta vertente da composição, em especial, promoveu às crianças a percepção de uma nova forma de ler o mundo e manifestá-lo musicalmente.

Como dito, depreende-se que compor com as crianças se tornou consequência de um trabalho vasto e cotidiano com a música. De modo que as crianças se sentiam bem a vontade para se aventurarem comigo a lugares desconhecidos, tal como o âmago de cada um de nós que, por exemplo, se manifesta no processo composicional da canção coletiva, a partir da expressão do pensamento sensível-criativo. Compor canções, dos mais variados gêneros, junto às crianças de 03 a 06 anos de idade, nas salas de referência da educação infantil, foram e ainda são experiências muito significativas para mim, enquanto professor e músico.

Na ocasião do CEI Margarida Maria Alves, entre os anos de 2009 a 2014 compusemos, nós, eu e as crianças, os navegadores do mar da música, canções sobre piratas, sereias, baleias, diversos animais, ritmos para brincar, músicas para inclusão e outras.

Basicamente, todos nós sentados em roda, nos propúnhamos a fazer uma canção no improviso. Sem muito compromisso em trazer algum tema específico estudado pela turma para conduzir nossa inspiração. Descompromissados de intenção prévia ou alvos a serem atingidos pelo feito em qual nos embarcávamos!

Assim, eu começava a entoar algumas melodias, estruturadas dentro de acorde simples, que ia musicando na mesma hora com o violão. Lançava uma ideia à letra da música e as crianças, totalmente integradas na atividade, seguiam complementando os versos.

Ora o educador que estava no timão conduzindo o barquinho da educação, ora eram as crianças que vestiam o chapéu de capitão, ditando o norte às harmonias, estrofes e refrães.

Acredito que uma das razões pela qual a criação desta atmosfera musical fora possível, se deva também a um competente trabalho de orientação e gestão pedagógica, cultivado pelos profissionais deste CEI: Patrícia Rocha (Orientadora Pedagógica à época) e Elisandra Giardelli Godoi e Selma Vilas Boas, (Diretoras à época), que promoviam, acima de tudo, autonomia ao professor, apoiando-o em suas necessidades materiais e intelectuais à execução de seus projetos, assim como o incentivava ao compromisso para com o registro de seus trabalhos, bem como a possíveis publicações dos mesmos em mostras e seminários pedagógicos. Tudo bem ao contrário de posturas tradicionais e antidemocráticas assumidas por gestões escolares que outorgam a necessidade de planejamentos fechados, sem significados para turma e para o professor. Talvez tenha saído deste compromisso existente com o registro, somado a empolgação contagiante das crianças para com as suas músicas, a ideia de gravar e produzir com elas um Cd de áudio de suas canções.

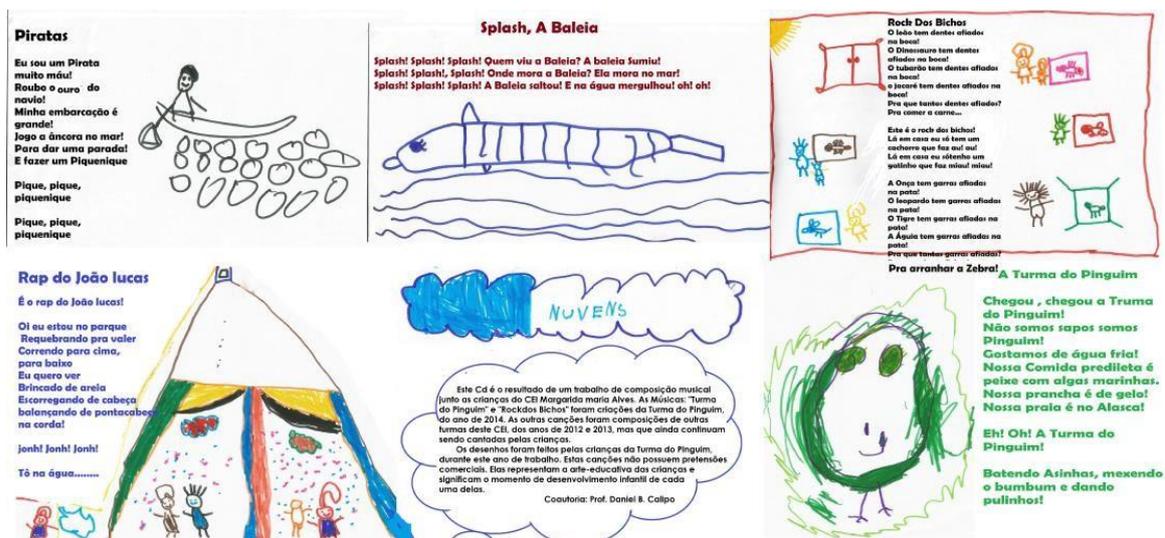
Criamos mais de dez canções que emplacaram no movimentado cotidiano do CEI. Tocávamos estas músicas nas horas do parque, na sala de referência, no refeitório, nos eventos da unidade. O mais interessante foi perceber que o desejo das crianças por suas canções estava presente, mesmo nos anos posteriores aos quais elas não me tinham como professor de referência. As crianças que eram das minhas turmas em anos anteriores, se encontravam comigo no parque, pedindo para que eu tocasse a música delas de novo, para curtimos juntos aquele momento do passado que ainda não acabara.

Assim, diante de tanto envolvimento das crianças para com este trabalho de expressão e criação musical, em conversa com a direção do CEI, achamos interessante comprar um aparelho de gravação profissional, com qualidade razoável para captar o áudio destas canções, a fim de produzir o Cd e registrar, por muito mais tempo, na memória emocional da comunidade do CEI, em especial a das crianças, estas experiências incríveis de conhecimento e arte. As gravações seguiram de forma muito espontânea, pois apenas seguimos fazendo aquilo que ao longo dos anos já havíamos construído: uma estética musical educativa. O princípio desta estética é levar seu executante ou apreciador a perceber um conhecimento sensível-criativo da música dentro de si, para o autoconhecimento. É importante mencionar que as características dos elementos sonoros desta música, bem como sua captação, produção e edição fogem

dos padrões legitimados pela indústria fonográfica e não se pretendem como objetos de vendas ou promoção pessoal.

Assim, depois que editei, em casa, o áudio das gravações, trouxe-o para as crianças se ouvirem cantando. Foi muito interessante! Elas iam tecendo um juízo de gosto por suas execuções e atuações musicais, assim como para as de seus colegas, concebendo uma noção estética para com seu feito artístico. Quando algum deles aparecia cantando mais forte na gravação, o outro ponderava: - *“Ah! Mais você está gritando na música, era sério! Estragou a gravação!”* Porém, tudo com um clima de amizade e cumplicidade na aventura musical!

Passei então a estimulá-los a pensar na forma de apresentação deste Cd para elas próprias, tal como para seus familiares e a comunidade do CEI; da necessidade deste Cd ter um encarte que expressasse a identidade do grupo. Sugerí às crianças desenhar as canções ao passo que as ouvissem no rádio. Os desenhos ficaram muito vivos! Mostraram o envolvimento delas com o processo educativo e a vontade de registrá-lo. Algumas quiseram até escrever a letra da música; o que fizemos juntos, cada qual com seu entendimento da língua escrita! Depois, assim como fiz com o áudio, levei os desenhos para casa e os editei junto às letras das canções, compondo o encarte final do Cd.



Encarte final do Cd.

Depois, escolhemos um destes desenhos da turma à capa e pronto! Estava finalizado o nosso primeiro trabalho musical coletivo! Um rico e significativo material fonográfico produzido por nós, educador e crianças; capaz de revelar, com propriedade, o espaço da educação infantil como um local possível à construção do conhecimento sensível-criativo. Conhecimento das coisas existentes do mundo, da arte de nós mesmos e da dos outros e, da nossa com as dos outros; todos imbricados em uma multiplicidade de relações éticas e estéticas no barquinho da educação.



Capas e Cd: “Crianças do Margarida Maria Alves”, ano de 2014.

Para escutar este Cd na íntegra, acesse: <https://soundcloud.com/user-558604403-638573518/sets/crian-as-do-cei-margarida>

Por fim, organizamos um café para a comunidade e convidamos os familiares das crianças para compormos uma tarde de entrega do Cd. Um símbolo do tesouro encontrado e lapidado por nós, em nossa viagem musical educativa.

04° - O trem musical: fantasia e ritmo entrelaçados

Certa vez, em minhas experiências musicais com as crianças da educação infantil, tive a oportunidade de criar um instrumento de percussão a partir de tampinhas de metal recicladas. Envolvi algumas destas tampinhas em um fio de arame e as prendi em um cano pequeno de PVC. Pronto! Lá estava um chocalho de tampinhas de garrafas de metal. Decidi fazer com as crianças este mesmo chocalho, pois tinha a ideia sonora de que, se tivéssemos muitos destes chocalhos poderíamos ter um trem a vapor dentro da nossa sala. Passamos então a por a mão na massa!

Na ocasião, pude convidar um pai de uma criança da minha turma para realizar conosco a atividade de construção dos chocalhos. Este pai estava vivendo, naquela época de coleta de recicláveis e, por isso achei bem pertinente convidá-lo! O que ele aceitou de bom grado, vindo à unidade escolar em um dia marcado para me ajudar a serrar os canos e interagir com as crianças neste fazer mais que musical. Enfim fizemos os chocalhos com sucesso!

Depois que todos da turma estavam com seus chocalhos, partimos para a atividade do trem. Basicamente eu alinhei as cadeirinhas da sala uma atrás a outra, simulando os vagões do trem e convidei as crianças para se acomodarem em nosso mais lindo trem imaginário! Após todos se sentarem, me passei por o “Homem da Bilheteria” e distribuí aos passageiros suas passagens (cada chocalho representava uma passagem para viajar no trem). Quando todos estavam a bordo, com seus chocalhos as mãos, eu, o maquinista musical, com meu violão amarrado às cintas, apitava; pronto para conduzir o trem em mais uma viagem musical pelo imaginário infantil. Assim eu dizia:

- *Ascendam os motores! Balancem os chocalhos! Vamos passear de trem!*

Tchau escola! Tchau sala! Força nos chocalhos! Vamos nessa!

Ao que as crianças respondiam:

- *Tchau! Tchau! Tchau...!*

Mostrando estarem totalmente integres à fantasia, como se estivessem mesmo deixando a rotina da escola por alguns instantes, meio que enfeitiçados pelo poder mágico da música.

O convite para entrarmos na fantasia estava feito. O pretexto para explorar a música estava posto, construído. E lá fomos nós para a viagem de trem, ao som de uma música que eu tocava no violão, para embalar a atividade. O trabalho musical estava acontecendo, integrado os conceitos musicais com a brincadeira. Noções de ritmos iam sendo desenvolvidas com as crianças enquanto o trem estava em movimento. Assim, quando uma montanha se colocava a frente de nossos trilhos, o andamento do ritmo diminuía: as crianças tocavam mais lentamente, pois o trem estava pesado, devagar, subindo a montanha. Após passarmos ao cume da montanha, preparávamos para descer e correr com o trem, assim os chocalhos vibravam em alta velocidade, aumentando o andamento da música. Dois conceitos elementares do ritmo sendo explorados: rápido e devagar. Outro conceito musical, como por exemplo, a intensidade sonora também ia sendo explorado em meio ao movimento do trem.

Ao final do passeio, o bilheteiro do trem passava para recolher as passagens sonoras, de modo a sinalizar o fim da fantasia e a volta à escola.

Esta atividade me acompanha até aos dias de hoje, sempre resignificada à proposta atual das turmas e unidades em que trabalho.



Crianças do AGII/III – CEI Benjamim Constant, ano de 2016

05° - O jogo como atividade musical

Logo quando comecei atuar como professor da educação infantil no CEI Margarida Maria Alves, me deparei com aquela antiga canção popular do cancioneiro infantil: “A loja do Mestre André”. A música faz menção a uma loja de instrumentos musicais à qual a cantora da canção se dirige, a fim de comprar alguns destes instrumentos. Pensei então em explorar esta música de forma bem teatral, dentro de uma proposta de atividade do fazer musical. Fui atrás dos instrumentos da bandinha da unidade escolar e separei um número exatamente igual de instrumentos ao número de crianças da minha turma. Também havia separado uma fantasia bem pitoresca para o Mestre André! Peguei o violão e fui para a sala trabalhar esta canção com as crianças.

Na ocasião me fantasiava de “Mestre André”, usava um chapéu de chinês e óculos descolados. Antes de sair para esta transformação, ainda como o professor da turma, voltava-me às crianças, dispondo-as sentadas em roda, em suas cadeirinhas, dizendo que viria um homem bem maluquinho para ficar com elas e que ele “venderia” e tocava instrumentos musicais. Depois, saía rapidamente e me fantasiava de “Mestre André”, chegando logo em seguida com os instrumentos e o violão por debaixo do braço. Eu os cumprimentava em uma língua que não existia, a fim de promover o lúdico e a atenção nos gestos e sons que seriam gesticulados e emitidos às crianças. Então colocava os instrumentos em cima da mesa ou de uma colcha, ao centro da roda, para demarcar a loja. Antes de começar chamar as crianças para comprar os instrumentos, os tocava rapidamente, sem enfatizar o jeito certo ou errado de tocar, apenas para mostrar a elas as possibilidades sonoras de cada instrumento, aguçando o interesse delas pelo fazer musical. Depois começava a cantar e tocar no violão a música: “A loja do Mestre André”, pedindo para que elas me acompanhassem cantando:

- ...Aiolê! Aiolê! Foi na loja do Mestre André! Aiolê! Aiolê! Foi na loja do Mestre André...!

A regra básica do jogo era a seguinte: a criança só poderia levantar para comprar um instrumento quando o “Mestre André” a chamasse pelo nome, através da melodia da canção. Então ia cantando e chamando um por um:

- Foi na loja do Mestre André que o João comprou um instrumentinho... Que será que ele vai comprar, lalala...lalala!

Assim que a criança pegava seu instrumento, pedia para que todos parassem de tocar e cantar para apenas ouvir o som do instrumento comprado pela criança, depois continuávamos cantando, até que todos estivessem com seu instrumento em mãos, integrando a bandinha musical. As crianças intensificavam ao poucos sua participação na atividade; não demonstravam tédio por esperar a sua vez de comprar o instrumento. Acredito, eu, porque estar nesta roda com seus colegas, só ouvindo e cantando, já devia ser muito prazeroso! Ao final, quando todos nós estávamos com os instrumentos às mãos, o som explodia para fora da sala, contagiando o refeitório, corredores, outras salas e até a secretária. Constituímos através desta brincadeira uma possibilidade de execução de música orgânica, todos ritmados ao seu jeito, mas conectados a uma só canção.

Para finalizar a atividade fazia o mesmo movimento de chamar cada criança pelo nome através da música, só que agora para o movimento inverso: devolver o instrumento à loja! O resultado era de uma experiência musical coletiva e lúdica ao mesmo tempo; uma compra fictícia de instrumentos musicais com brindes de alegrias, paciência, escuta e expressão artística.



Professor Daniel na brincadeira do “Mestre André”

06° - A arte no contexto da educação formal não é produto e sim processo

Eu, como músico e professor da educação infantil, construí minha prática pedagógica alicerçada na música. Lembro-me de um acontecimento que me ocorreu quando educador de um agrupamento de crianças de 03 a 06 anos de idade do CEI Margarida Maria Alves, em Campinas. Desenvolvia neste ano muitas dinâmicas de experimentação com a música, explorando com as crianças ritmo, instrumentos de percussão, canto de músicas populares infantis e brincadeiras musicais. Uma dessas brincadeiras era o “Show de Talentos”. As crianças ficavam na sala, dispostas em roda e apossadas de um instrumento de percussão nas mãos. Ao centro desta roda, organizei um microfone ligado a uma caixa acústica. Na ocasião eu representava o apresentador do “Show de Talentos”, o músico violonista e o técnico de filmagem (pois filmava esta atividade ao mesmo tempo em que a conduzia). Então chamava as crianças interessadas, uma de cada vez, para cantar ao microfone as músicas de suas preferências. As crianças traziam músicas de diferentes estilos, desde “Pancadões da mídia”, como músicas de domínio público infantil. Nesta brincadeira a Raquel, uma criança deste agrupamento, cantou a música “De olhos vermelhos”, aquela do coelhinho...

Até então nada de tão especial, apenas trabalhando e resignificando a cultura das crianças em uma atividade musical, na sala de referência. Assim encerramos aquele momento, outras dinâmicas com a música foram realizadas naqueles meses até que...

Este mesmo CEI resolveu fazer, naquele ano, um café da família à comunidade. A direção da escola me propôs que animasse o evento tocando algumas canções populares aos familiares. Naquela ocasião coloquei à direção a importância de convidar algum pai de criança da nossa unidade escolar, que soubesse tocar algum instrumento, para me acompanhar na apresentação. A direção disse sim, que seria legal! Então convidei o Sr. Arnei, que tocava pandeiro e se apresentava junto a alguns grupos de samba da cidade e que, por coincidência ou não, era o pai da Raquel. No evento cantamos alguns sambas, tudo ali improvisado, alegrando os familiares e a comunidade escolar.

Mas ao final da apresentação percebi que as crianças da minha turma, junto às outras crianças do CEI queriam se aproximar dos microfones, dos instrumentos, como se me mostrassem que tinham algo a cantar também! Elas queriam se apresentar! Então as chamei naturalmente, como havia feito naquela brincadeira de sala com o “Show de

Talentos”, para cantar ao microfone algumas canções do repertório delas, acompanhadas por mim, no violão e, ao Sr. Arnei, no pandeiro.

Então a magia da música na educação infantil aconteceu! As crianças passaram de expectadoras para apresentadoras executantes da música naquele evento oficial da unidade escolar. O mais importante foi que a atuação delas se deu de forma espontânea, singular e contagiante! Sem aqueles ensaios exaustivos e insignificantes para qual submetemos nossas crianças para tudo quanto é evento e datas comemorativas do calendário escolar. Elas cantavam com firmeza e alegria as músicas que mais lhes tocavam e marcavam seu momento único de criança. Bem parecido como o “Show de Talentos”, proposto a elas nas dinâmicas musicais realizadas em sala. A brincadeira continuou na vida, transformou a dureza dos ensaios para um evento obrigatório, em mais um momento lúdico-musical de interação entre adultos e crianças. Incrível! O mais emocionante foi quando a Raquel chegou para cantar no evento, junto ao seu Pai. Perguntei a ela que música seria, e ela me respondeu: “De olhos vermelhos”, aquela do coelhinho...



Professor Daniel se apresentando com a Raquel e Sr. Arnei, 2012.

07° - Compendo, brincando e gravando com os educadores.

Entre os anos de 2012 a 2014, iniciei os cursos de formação para educadores da rede municipal de Campinas. A princípio, os integrantes dos cursos eram os agentes de educação infantil e monitores da própria unidade em eu que trabalhava como professor, constituição esta que, ao longo dos anos, foi se modificando; começaram a frequentar também professoras e agentes de outras unidades e regiões desta mesma rede. Os cursos tinham o objetivo de apresentar um panorama geral das possibilidades musicais com as crianças da educação infantil, bem como promover a experiência do fazer musical entre seus participantes. Com a difusão dos cursos por intermédio dos educadores, passei também a ser convidado para realizar formações pontuais em algumas unidades educativas, em dias reservados no calendário escolar para atividades formativas.

Sempre priorizei construir os projetos com a interlocução dos participantes dos cursos, contemplando suas expectativas e experiências na área da música e da própria educação infantil. Com isso, construindo uma metodologia envolvente para que seus participantes se sentissem coresponsáveis pelo andamento das atividades e de suas aprendizagens. Percorremos um vasto campo da linguagem musical, trabalhando aspectos do ritmo, do canto em coro, da análise de melodias de músicas populares, conceitos de harmonia, confecção de instrumentos musicais, movimento corporal e dança, assim como outras tantas possibilidade do trabalho com a música. Chegamos até, no segundo semestre do curso de 2013, focar o trabalho musical, a pedido dos educadores, na aprendizagem do como tocar o violão. Fato que considerei, passando também a navegarmos juntos nesta proposta. Conseguimos violões para todos os participantes, com apoio de outras unidades escolares.

Porém não foi esta a perspectiva que mais nos rendeu uma potente integração, esta que viria ser, nos anos posteriores uma importante característica à gravação de um cd de música inédita do grupo Brinca-Música (grupo constituído pelos educadores do curso em formação musical, do ano de 2014). A perspectiva da composição musical, realmente enriqueceu o trabalho formativo destes educadores.

E como se dá este processo de composição musical coletiva?

Em anos passados, ao longo da minha trajetória enquanto educador musical, construí junto a integrantes educadores de movimentos sociais uma oficina de composição musical com interface na literatura. Basicamente, esta linha de composição de canções infantis tenta trabalhar duas linguagens importantes do saber das crianças: a música e a literatura, cada qual, porém, a priori em suas especificidades, ou seja, a música pela música e a literatura pela literatura. Para em um segundo momento então, tecer possíveis relações entre a matéria literária e a musical. Não há uma ordem para iniciar este processo. Podemos começá-lo com os aspectos musicais, através de dinâmicas que impulsionem improvisos rítmicos, melódicos e harmônicos; o que realmente tento fazer junto aos educadores espontaneamente, com o violão, a flauta e o livro cantar! Mas também podemos iniciar com a literatura, incentivando sarais de leitura com os livros infantis e composições de poemas inspirados nestas histórias.

Escolhendo-se começar pela música, passamos então a definir uma linha harmônica e melódica a partir daqueles improvisos musicais. Após termos parcialmente estabelecido estas linhas, tomamos contato com a literatura, pensamos em algum livro interessante para musicar, reescrevendo sua história de forma poética, já no formato de uma letra de canção, com estrofes, versos, refrão... É realmente uma oficina de criação! Combinamos os versos da letra musical, palavras, estrofes, em sintonia com aquela linha melódica estabelecida anteriormente, de forma a ir lapidando, tanto a letra como a melodia. Aparando suas notas, reescrevendo as palavras, fundindo de forma artística estas duas linguagens na canção composta. Assim vamos cantando e percebendo a música nascer, descobrindo e refletindo sobre sua estética, dando asas a nossa criatividade, dentro de um jogo de músicas e palavras.



Educadora Alcimara. CEI Margarida Maria Alves, 2015

E isto foi justamente o que fizemos no curso de formação em educação musical de 2014. A maioria dos integrantes deste grupo estava comigo nesta aventura musical formativa desde 2012. Constituímos mais do que conhecimentos, uma amizade e cumplicidade no ato da expressão musical, o que nos deixou muito a vontade para navegarmos juntos em uma nova aventura formativa: produzir um livro-musical com cinco canções inéditas, compostas pelo grupo, inspirado nas histórias infantis e cinco novas possibilidades de brincadeiras com a música de cada uma destas canções.

Assim, conseguimos compor o material do livro-musical, explorando entre nós, educadores do curso, o conhecimento das oficinas de composição musical e novas formas de criação coletiva do lúdico. Pensei, então, o quanto somaria na formação dos educadores, a passagem deles pela experiência de gravação de suas próprias canções em um estúdio profissional. Garantiríamos com isso, uma boa qualidade de áudio para o Cd, podendo assim compartilhá-lo, junto ao livro, com nossos colegas de trabalhos e com as crianças de nossas unidades educativas. Deste modo, insisti à Coordenadoria Setorial de Formação da Secretaria de Educação de Campinas sobre a importância formativa de financiar esta gravação, bem como publicar o livro-musical. Revelando-os sobre a originalidade do curso e a rica possibilidade de registro de atos tão criativos de seus educadores. Depois de um ano, após termos concluído o curso e o livro-musical, conseguimos este financiamento e fomos todos ao estúdio, no ano de 2015, gravar nossas canções.

É importante considerar também que conseguimos produzir este livro e gravar nossas músicas de forma caseira, dentro da proposta que tínhamos planejados fazer, no mesmo ano de 2014. Nestes momentos fomos mais além do que imaginávamos enquanto um curso de formação. Compusemos arranjos de vozes para o coro dos refrões, arranjos rítmicos para os instrumentos de percussão e até, disponibilizamos as mobílias existentes no espaço do curso para transformá-lo em um miniestúdio, a fim de registrar as canções de forma caseira; uma gravação de áudio de menor qualidade, que viria a nos servir de base para encararmos as gravações profissionais no estúdio, em 2015.

Somado a isso, assim como no processo de composição e produção do Cd de músicas das crianças do CEI Margarida Maria Alves, (primeiro relato), ousei propor aos educadores que eles também envolvessem suas crianças na criação das brincadeiras, músicas do grupo Brinca-Música. Pois acredito que todo ato educativo é formativo e sendo assim não pode acontecer de outra forma, se não inteiramente imbricado em sua

realidade presente, com todos seus atores legítimos envolvidos, sem peso de medidas ou valores, tanto aos educadores como às crianças. Estas também são corresponsáveis pelo material fonográfico e didático que se lhes são ofertados. Somos todos produtores de cultura e conhecimento.

Deste modo, voltamo-nos, educadores, até a unidade do CEI Margarida Maria Alves, unidade da maioria dos participantes do curso, a fim de compor, então, com as crianças as possibilidades lúdicas das nossas músicas. Levamos os instrumentos que tínhamos: teclado, violão, cavaquinho e a percussão e armamos um circo de músicas e brincadeiras. Conseguimos, através de dinâmicas planejadas no nosso espaço de formação, estabelecer uma interação dialógica com as crianças, para nos aventurarmos em uma experiência de criação coletiva. Comutamos com as crianças recursos lúdicos, como bolas, fantasias, objetos sonoros que pudessem carimbar nossa entrada ao mundo imaginário infantil e, com isso, trazer algo de lá para lapidarmos o que já havíamos estruturado como uma nova brincadeira musical. Brincamos com elas interagidos ao som das nossas canções! Íamos descobrindo pérolas que não encontrávamos, enquanto só pensávamos entre nós, adultos educadores; detalhes da brincadeira ou das próprias canções que deveriam ser mais enfatizados ou outros que deveriam ser ocultados. E isso aconteceu tanto no ato mesmo de brincar, como nas rodas que fizemos com as crianças, para avaliarmos o processo que vivenciávamos naquele momento.

Sem dúvidas uma experiência única de produzir com as crianças um material artístico-cultural para elas próprias.



Grupo Brinca-música avaliando seu trabalho, 2014

Acabei gostando tanto do envolvimento das crianças por este trabalho, que as convidei para registrarem o processo vivido com os educadores, naqueles momentos de formação coletiva. Sugeri às crianças, simplesmente, que desenhassem o que vivenciaram naquelas oficinas de criação lúdico-musicais, ao tempo que brincavam com as brincadeiras já lapidadas e ouvissem as gravações caseiras de nossas canções.

Editei os desenhos de modo a ilustrar as canções que estamos publicando neste livro. Os desenhos das crianças representam com muita vivacidade a interpretação delas sobre os personagens das nossas músicas, sublimando o processo de criação! Como um encontro real da fantasia com a realidade do material produzido.

No final de 2015 fomos ao estúdio, como dito, para gravarmos novamente as canções de forma profissional. Estas ganharam arranjos de instrumentistas contratados que não contávamos no nosso projeto inicial, mas que avaliamos ter sido necessário para dar uma nova estética a nossa arte: A estética musical educativa passou a coexistir com a estética musical do mercado fonográfico (não, é claro, com o intuito de comercializar nossa obra, mas sim veiculá-la em diferentes formas de divulgação midiáticas).

Os educadores gravaram todas as linhas de coros, nos arranjos musicais, Douglas Porto e Márcia Merki, educadores do curso fizeram algumas linhas de vocais intervaladas (Back's vocais). O professor formador Daniel B. Calipo gravou todas as linhas da primeira voz, bem como executou o violão, cavaquinho, a guitarra e produziu o Cd em coprodução com os educadores da formação e, Paulo Evans, diretor artístico do Cristal Estúdios.



Educadoras gravando em estúdio o coro de vozes de suas canções, 2015

Por fim, para seguirmos autênticos ao nosso processo formativo coletivo e horizontal, convidamos algumas crianças que foram e ainda são do CEI Margarida Maria Alves entre os anos de 2012 a 2015 para gravarem conosco, no estúdio, alguns trechos especiais em nossas canções, a fim de que elas representassem todas as crianças envolvidas em nosso projeto e na trajetória musical do professor Daniel, enriquecendo ainda mais nossa arte e intensificando a experiência musical criativa.



Professor Daniel com as crianças que foram e ainda são do CEI Margarida Maria Alves, gravando no estúdio, 2015

PARTE II

AS CANÇÕES E BRINCADEIRAS DO BRINCA-MÚSICA

Cursos de 2012, 2013 e 2014



08° - O grupo Brinca-música



O grupo Brinca-Música é composto por agentes, monitores (as) e professores da educação infantil do município de Campinas que participaram do curso de formação em educação musical do ano de 2014, ministrado por Daniel B. Calipo, como formação continuada promovida pela Coordenadoria Setorial de Formação, desta mesma cidade aos seus educadores.

O grupo tem como objetivo principal proporcionar experiências musicais criativas às crianças, integrando a música com o lúdico e a literatura. O resultado deste trabalho está contido nesta segunda parte deste livro, como registro de todo um processo lúdico-musical que originou a produção de um Cd de áudio, com cinco composições inéditas do grupo, por suas respectivas letras cifradas, sugestões de novas brincadeiras, breves comentários sobre a intencionalidade pedagógica de cada canção e os desenhos das crianças do CEI Margarida Maria Alves.

Acreditamos que o ato de ofertar uma experiência musical completa às crianças, esteja na possibilidade de integração da música com as outras linguagens infantis. Para tanto, nos inspiramos em livros da literatura infantil para criar letras de canções que possam trazer os personagens do imaginário das crianças para a realidade dos tempos e espaços educativos, criando ritmos e arranjos musicais em conexão com as possibilidades lúdicas de uma nova brincadeira. É preciso deixar claro que estas brincadeiras são

possibilidades de interação com as crianças e não devem ser seguidas a risca pelos educadores, no dia-a-dia da educação infantil. Nosso trabalho pretende ser um substrato artístico-musical, a fim de gerar novas criações lúdicas e artísticas às relações de aprendizagens.

Estas canções e brincadeiras têm como público alvo todas as crianças e educadores de qualquer idade. Tomando como princípio o lúdico como faculdade existente e permanente de todas as fases da vida humana. Neste livro todos os atores do ato educativo poderão aprender juntos, nos espaços formais de educação e nas experiências livres do cotidiano, novas formas para o fazer musical, bem como a ampliação de seus repertórios de músicas e brincadeiras.

Esperamos que nossa música possa despertar uma ação criativa, capaz de promover uma interação educativa prazerosa entre as crianças e os adultos.



BAIÃO DA CORUJA
&
A DANÇA DOS BICHOS



Baião da Coruja

(Brinca Música)

A E7 A
A coruja ia dar uma festa e os seus amigos convidar

E7

Venham para festa na floresta, cada um que traga o seu par

A E7
O Pato e a Pata, *Qué! Qué! Qué! Qué!*

A
O Rato e a Rata, *Qui! Qui! Qui! Qui!*

E7
O Gato e Gata, *Miau! Miau! Miau! Miau!*

D A
O Galo e "Gala" *Pó! Pó! Pó! Pó!* (pausa) - Gala não! - Galinha....

E7 A
E a confusão foi à noite inteirinha

E7

Porque juntos não podiam dançar, Cada um que troque se par (2x)

A E7
O Gato e a Rata, *Miau! Miau! Qui! Qui!*

A
A Pata e o Galo, *Que! Que! Pó! Pó!*

E7
O Gato e a Rata, *Miau! Miau! Qui! Qui!*

D
O Pato e a "Gala"! *Qué! Qué! Pó! Pó!*

A
(pausa) - "Gala" não! - Galinha...

D A E7 A D A E7 A
AH! AH! Ah! Ah! Ah! Ah!



A BRINCADEIRA É... A DANÇA DOS BICHOS!

Conversa aos educadores

A intenção pedagógica desta brincadeira é fazer com que as crianças percebam a diferença dos nomes entre os pares de animais. Se organizem em roda para dançar os ritmos da música, percebendo e representando seus acontecimentos literários, como a troca dos pares de animais e o “erro” linguístico da Dona Coruja, em nomear “Gala”, como sendo o par do “Galo”. É interessante que o educador (a) faça uma conversa prévia com as crianças sobre o tema abordado na canção: os nomes dos casais de animais, assim como ensaie com elas, de maneira lúdica, o momento cênico da brincadeira.

Sugestão de livros infantis

“O Baile” de Mary França e Eliardo França;

“A Festa no Céu”, recontada por Braguinha (João de Barro);

“O Carnaval dos Bichos” de Moacyr Scliar.

Materiais necessários

As máscaras dos animais presentes na música o *Baião da Coruja*.

Um aparelho de som para ouvir esta canção ou alguém para tocá-la com algum instrumento ou cantá-la.

Os passos da brincadeiras

O primeiro passo é apresentar a música para as crianças e providenciar as máscaras dos bichos. Logo após, o educador poderá fazer a conversa pedagógica solicitada e indicar quais crianças representarão os animais da canção. O segundo passo é explicar o movimento da brincadeira:

O educador ou uma criança de mais idade será a Dona Coruja. As crianças que não representarão os animais comporão uma roda para cantar a canção, girando em conjunto e dançando conforme a música. As outras crianças ficarão ao centro desta roda esperando a Dona Coruja chamar os pares de animais para dançarem na sua festa. Neste momento da brincadeira o ritmo da música estará menos intenso e os animais estarão dançando com seus respectivos pares. Quando a Dona Coruja chamar a galinha de “Gala”, a música dará uma rápida pausa e todas as crianças, de maneira cênica, corrigirão a Coruja por ela ter errado o nome da galinha. Logo depois, o ritmo da canção se intensifica e acontece a troca dos pares, para uma dança mais divertida!



Educadores e crianças em processo de criação da nova música e brincadeira

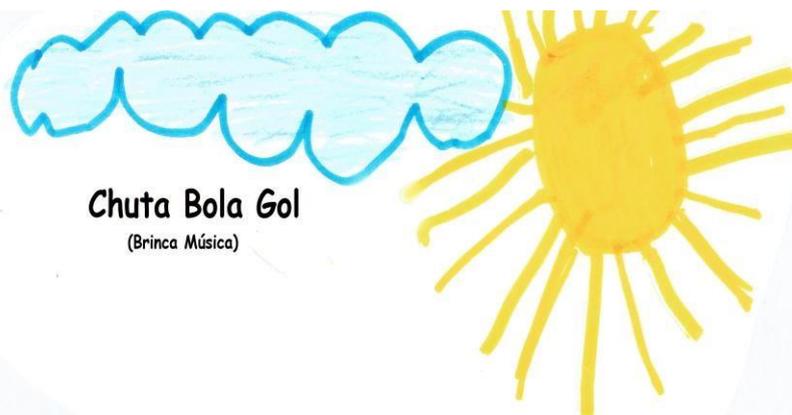


CHUTA BOLA GOL

&

FUTEBOL COOPERATIVO

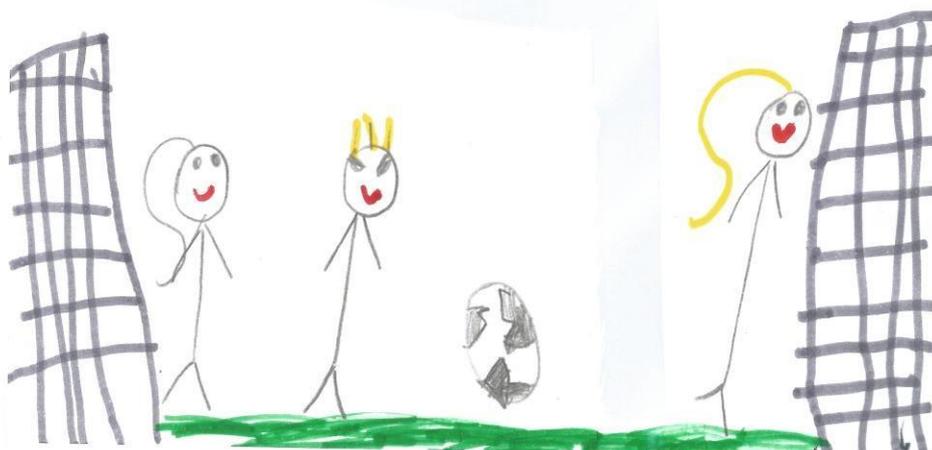




Chuta Bola Gol

(Brinca Música)

C9	F9	C	F	C	F
Chuta, corre, rola-embola		Rola bola, bola rola.		A meninada já brincou	
C9	F9	C	G	C	G
Joga a bola eu quero ver.		Gira a terra a toda hora		Outro dia amanheceu.	
C9	F9	C	F	C	F
Chuta, corre, rola-embola		Neste jogo que acontece		Foi a bola que passou,	
C9	C7	C/G	G G7	C/G	G G7
Joga a bola pra você.		A meninada logo cresce.		De uma infância que viveu	
C	F	Refrão		Refrão	
A bola que rola no chão da escola		C	F	Am	Em
C	G	De repente a bola para!		Chuta, bola, gol...	
Tá no pé da meninada.		C	G	Am	Em
C	F	O que foi que aconteceu?		Chuta, bola, gol...	
A brincadeira só começa		C	F	Am	Em
C/G	G G7	Sê a bola gira o dia		Chuta, bola, gol....	
Quando a bola é lançada.		C/G	G G7		
Refrão		É sinal que anoiteceu.			



A BRINCADEIRA É... FUTEBOL COOPERATIVO

Conversa aos educadores

Os jogos cooperativos visam fortalecer o comprometimento e a confiança dentro de um grupo de pessoas. A criatividade, o respeito e a cumplicidade entre os jogadores fazem o contraponto as situações de menosprezo e rivalidades que possam surgir nos jogos competitivos. Nesta perspectiva as crianças poderão trabalhar valores indispensáveis para a vida social e, ao mesmo tempo se divertirem com jogadas do futebol dentro de uma brincadeira cooperativa.

Sugestão de livros infantis e didáticos

“O menino e a bola” de Simone Goh

“Jogos cooperativos para educação” de Reinaldo Soler.

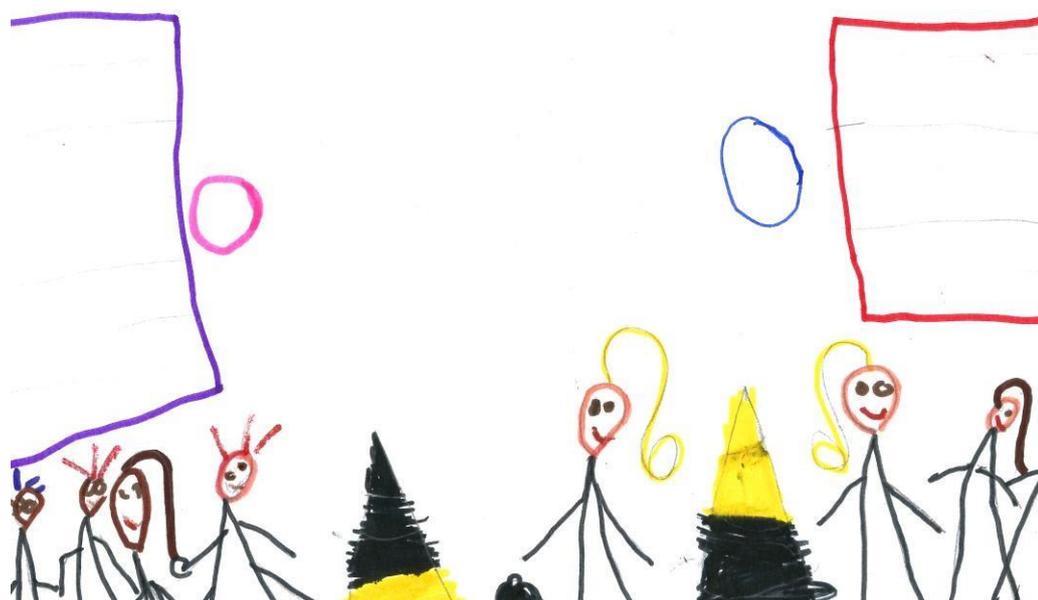
Materiais necessários

Duas traves pequenas de futebol, três a quatro cones de sinalização e uma bola.
Um rádio, ou pessoas para tocar e cantar a música “*Chuta bola, gol*” para animar a brincadeira.

Os passos da brincadeira

O primeiro passo desta brincadeira é a conversa com o grupo de criança sobre os jogos cooperativos. Logo após, é explicar a brincadeira e seu objetivo: fazer com que as crianças joguem bola em conjunto, torcendo para que cada jogador de um grupo consiga trazer a bola ao outro, de modo que todos integrantes possam tentar marcar um gol. Depois dividir o grupo em dois, nomeando-os como quiser (Para esta explicação vamos chamá-los de A e B):

O educador posiciona as traves, uma de frente para outra, com uma distância mínima entre as duas de sete metros. Depois coloca os cones ao centro das traves, separando-os em linha reta. As crianças do grupo A se posicionam em fila, ao lado de uma das traves, assim também o grupo B para a outra trave. O jogo começa quando a primeira criança da fila do grupo A sai em direção à trave do grupo B, passa no meio dos cones com a bola dominada e chuta para tentar acertar o gol. Esta criança do grupo A entra ao final da fila do grupo B. Logo em seguida, a primeira criança da fila do grupo B parte com a bola dominada em a direção à trave do grupo A, passando também por entre os cones para tentar fazer o gol. Assim, repete-se este movimento sucessivamente até que todas as crianças chutem a bola ao gol e se agrupem novamente em seu grupo de origem; posicionados agora, ao lado das traves opostas a que começaram o jogo.



Desenho da brincadeira: Futebol cooperativo. CEI Margarida Maria Alves, ano de 2014.





OLHA O SACI

(Brinca Música)

G
Olha o Saci!

Dê uma perna só
C **D7**
Olha o Saci
G
Montado em seu cavalo
C **D7** **G**
Pegue o gorro do Saci! (2x)
G
Olha o Saci!

Negro da noite
C
Olha o Saci
D7 **G**
Pitando o seu cachimbo
C **D7** **G**
Peaque o aorro do Saci! (2x)

D7/A
Menino levado

Moleque travesso
G6
Amigo da cuca

É o Saci-Pererê
D7/A
Mistura o feijão

Com a farinha do Zé
G6
Pega o ovo da pata

Puxa o João pelo pé



A BRINCADEIRA É... PEGUE O GORRO DO SACI

Conversa aos educadores

As brincadeiras de roda cantada são jogos que desenvolvem a motricidade, a música e a socialização entre as crianças. Nesta brincadeira, ao mesmo tempo em que elas brincam com o personagem do folclore brasileiro, fantasiando-se e interpretando o Saci, estimulam o movimento rítmico do corpo e aprendem a cantar uma nova canção. As crianças aprendem que o respeito à regra da brincadeira é fundamental para que o lúdico seja garantido entre elas.

Sugestões de livros infantis

“Os meninos que viraram estrelas” de Sávvia Dumont

“O saci” de Monteiro Lobato

Materiais necessários

Um gorro vermelho de Saci, um cachimbo de brinquedo e um cavalinho de pau.

Um aparelho de Cd ou pessoas para tocar e cantar a música: “Olha o Saci”.

Os passos da brincadeira

O primeiro passo da brincadeira é contar para as crianças uma interessante história de Saci e depois estimulá-las a pularem espontaneamente de uma perna só, a fim de que elas se acostumem com o movimento corporal da brincadeira. O segundo passo é procurar um espaço amplo para que as crianças possam formar uma grande roda.

A turma ficará sentada nesta roda, como em uma brincadeira de “Ovo Choco”. O Saci fica pulando em volta da roda, enquanto a turma vai cantando a primeira parte da

música. Depois do final da primeira parte da canção, a turma para de cantar e fecha os olhos. Neste momento o Saci coloca o seu cachimbo atrás de uma pessoa da roda e diz: - *Pegue o gorro do saci!* A pessoa que estiver com o cachimbo sai correndo atrás do Saci para pegar o seu gorro. Neste momento do pega-pega, a turma pode cantar a segunda parte da música. A criança que pegar o gorro se fantasia de Saci e a brincadeira começa de novo.

O Saci sempre corre em volta da roda, pulando de uma perna só. Quem tenta pegar o gorro dele corre com as duas pernas!

Somente o Saci de verdade conseguirá escapar de seu caçador!



As crianças se divertindo com a brincadeira do Saci. CEI Margarida Maria

Alves. Ano de 2014



FREVO DO BELELÉU

&

BELELÉU VAI PEGAR





FREVO DO BELELÉU

Brinca-Música

G
Onde foi parar?
D7
Beleléu Beleléu Beleléu
G
Onde foi parar?
G7
Onde foi parar?
C
Beleléu Beleléu Beleléu



G
Já perdi não consigo achar
D7
Se eu não arrumar Beleléu vai pegar
G D7
O carrinho, a bola, a camisa da escola
G
Onde foi parar?
G
A boneca, a chupeta o paninho de cheiro
G7 C
O livrinho de história ainda não encontrei
G
Vou guardar, vou guardar, vou guardar
D7 G
Se eu não arrumar, Beleléu vai pegar
G D7
Olha lá você não viu, Beleleu já pegou...
Beleleu, Beleléu! No saco guardou

D7
Quem é o Beleléu?

É ...



A BRINCADEIRA É... BELELÉU VAI PEGAR

Conversa aos educadores

Às vezes é bem difícil para algumas crianças se envolverem com a arrumação da sala de referência, na educação infantil. A brincadeira e a música do Beleléu têm como principal ideia a inserção do lúdico nos momentos de rotina e zelo aos materiais pedagógicos da turma. Esta música do Beleléu surgiu daquele ditado popular de que o objeto perdido, por não ter sido guardado no lugar certo, poderia ter ido parar no Beleléu! Um mundo desconhecido até então, que o personificamos, inspirados na literatura infantil, em um monstrinho bacana, que venho empolgar as crianças na “difícil” tarefa de arrumação da sala do CEI.

Sugestões de livros infantis

“Beleléu”, de Patrícia Dugnami

Materiais necessários

Um saco ou uma caixa e algum elemento cênico para o Beleléu. Uma sala “bagunçada” por brinquedos e materiais pedagógicos da turma e a música “Frevo do Beleléu”.

Os passos da brincadeira

Depois de uma brincadeira divertida com as crianças é possível que a sala da turma fique bem “bagunçada”! Quando chegar a hora de arrumar esta “bagunça”; proponha outra brincadeira. Chame o Beleléu!

Este personagem do conhecimento popular, presente na literatura infantil, será o protagonista de uma nova brincadeira. O educador escolhe uma criança para ser o

Beleléu! Ela ganhará um saco preto e mais algum elemento cênico para se transformar em um pitoresco monstrinho que tentará pegar os brinquedos bagunçados na sala, antes que as crianças os possam guardar. O tempo da brincadeira é o tempo da

música: “Frevo do Beleléu”. Nesta canção, há um momento em que as crianças perguntam;

- “*Quem é o Beleléu*”?

Ao que a resposta deva ser o nome da criança que estiver sendo o Beleléu, na brincadeira. É bem divertido! Pois as crianças não vão querer que o Beleléu pegue os brinquedos da turma e os “leve embora”. Depois, quando todos os brinquedos estiverem guardados, o educador organiza uma roda para que o Beleléu possa mostrá-los. Para cada brinquedo que o Beleléu tirar do saco, o educador pergunta à turma qual o lugar certo de guardar tal brinquedo? A criança que souber a resposta pega o brinquedo e o guarda em seu lugar correto.



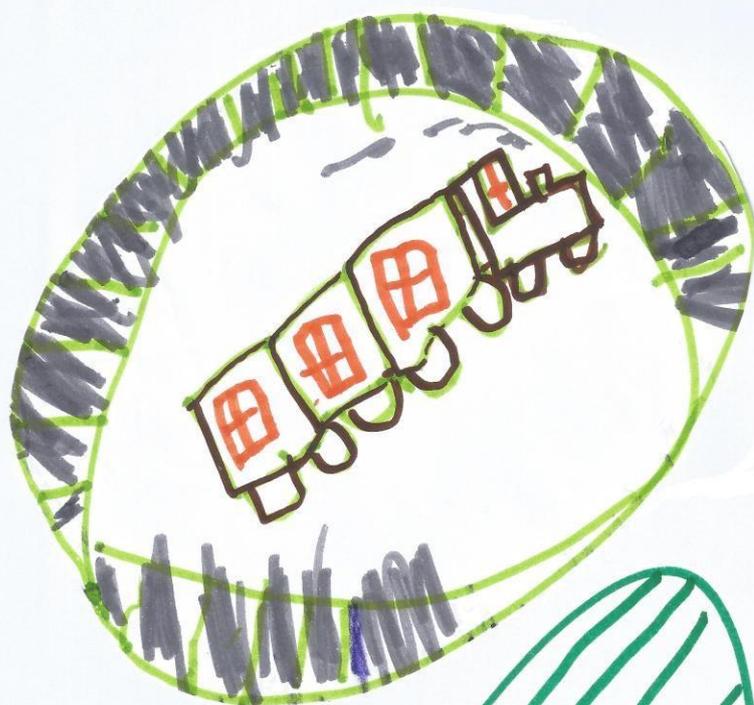
O Beleléu: CEI Margarida Maria Alves. Ano de 2014.



VOVÔ E EU

&

PASSEAR DE TREM





Vovô e Eu

(Brinca música)

Bm Em G F#
Vovô e eu, com ele eu vou, passear de trem, quer vir também!
Bm Em A F#7
Abordo do trem todos já estão Esperando o apito lá na estação
Bm Em A F#7
Piuiiii... Piuiiii... Piuiiii... Piuiiii...
Bm Em
Bem devagarzinho o trem vai andando
A F#7
No compasso do Chocalho que você irá tocando

Refrão

Bm Em
Logo após a curva uma montanha aparece
A F#7
A força do motor lentamente enfraquece
Bm Em A F#7
Chóc...! Chóc...! Chóc...! Chóc...!
Bm Em
E nesse chóc, chóc a descida logo vem,
A F#7

Passando pelo túnel, feche os olhos, luz não tem!

Refrão

Bm Em A F#7
Olhando da janela eu vejo os animais e toda criançada correndo vindo atrás
Bm Em A F#7
O toque da buzina me chama atenção, o trem esta chegando lá na estação

Refrão

Bm Em G F#7
Com ele eu vou, vovô, com ele eu vou vovô



A BRINCADEIRA É... TRENZINHO SONORO

Conversa aos educadores

A fantasia é o principal recurso das crianças para interagir com os conhecimentos musicais. Nada melhor do que se imaginar em um passeio de trem para descobrir a riqueza sonora e de possibilidades que as velhas locomotivas a vapor nos deram por muito tempo, inspirando grandes composições musicais de artistas brasileiros, a citar, por exemplo, Milton Nascimento. O instrumento que utilizamos para esta brincadeira, além dos sons do próprio corpo, foi o chocalho caseiro de tampinhas de garrafas. O som metálico destas tampinhas, soando juntas de vários chocalhos, nos dá a ideia sonora do trem em movimento.

Como fazer este chocalho

Separe caninhos de pvc com 3/4 de diâmetro por 15cm de comprimento, também 07 tampinhas de metal para cada chocalho e um fio de arame de 25cm. Fure as tampinhas ao centro, usando prego e martelo, depois coloque as tampinhas no fio de arame. Segure uma das pontas do arame e passe a outra por dentro do caninho, sem que as tampinhas caiam do fio. Amarre as pontas com um alicate, corte as pontinhas que sobraem do arame e com uma fita adesiva vede a amarração, fazendo com que esta fique para dentro do caninho, evitando assim que as crianças possam se machucar com o arame. Para que o fio de arame não fique solto, fixe-o nas bocas do caninho com fita adesiva. Decore-o como quiser e está pronto!



Construindo o chocalho. CEI Margarida Maria Alves, ano de 2012

Sugestões de livros infantis

“O trem” de Eliardo França e Mary França e “Como Construir Instrumentos Musicais, Usando Materiais Caseiros” de Sérgio Cleto Seabra.

Materiais necessários

Chocalhos de tampinha de metal, confeccionados pelas próprias crianças e a música 04 deste Cd: *Vovô e Eu*. E o que mais possa ter nesta viagem?!

Os passos da brincadeira

Simule um trenzinho a vapor com as crianças, ordenando as cadeirinhas uma atrás a outra. Também o trem pode estar no chão da sala, ou quem sabe no parque. Depois as crianças e o educador vão escutar a música: *Vovô e Eu* e fazer os combinados da brincadeira. A ideia é perceber, com o uso de instrumentos rítmicos ou sons do próprio corpo, alguns conceitos preliminares da música contidos na canção, como andamento rápido e devagar e intensidade sonora. Estes conceitos estão escondidos na letra da canção em cada final de estrofe. Por exemplo: interpretar musicalmente o “*Piui...*” do trem, marcar o compasso do ritmo no “*Choc...Choc...*” do trem, sentir a música de olhos fechados, quando o trem passar pelo túnel, etc. Cabe ao educador imaginar e trabalhar com as crianças a melhor forma de interagir com esta música, dentro da brincadeira.

RELATOS DAS EDUCADORAS

PARTE III

An abstract drawing composed of various colored lines and shapes. It includes a large pink circle, a blue squiggle, a yellow wavy line, a purple spiral, a red triangle, a green zigzag, a red star, and a blue horizontal line. The drawing is centered on the page, with the text 'PARTE III' overlaid on it.

**A INTERFACE DA SUBJETIVIDADE DO EDUCADOR NO
TRATO OBJETIVO DAS ATIVIDADES MUSICAIS**

NOTA INTRODUTÓRIA

Daniel B. Calipo

Ao longo do curso de educação musical: “Vivências e criatividade da música na educação infantil”, realizado pela Coordenadoria Setorial de Formação, do município de Campinas, no ano de 2015, professoras, monitoras e professor puderam experimentar diferentes propostas do trabalho pedagógico com a música. Mesmo que de modo mais geral, mas não de maneira superficial, avaliamos ter atingido o objetivo mais abrangente apontado no projeto inicial deste curso: promover junto aos educadores atmosferas criativas na área da música. Conhecemos momentos de intensa produção musical coletiva, tanto na área da composição, como na de confecção de novos instrumentos musicais, nos arranjos criativos às vozes em coro, na exploração dos instrumentos musicais para interpretar histórias, dançar e brincar com as músicas de nossa cultura, já sabidas de nossas professoras, mas não vivenciadas por esta perspectiva da criação musical.

Uma das vertentes mais trabalhadas no curso: a composição musical, que se manifestou tanto no arranjo de vozes como na composição de uma nova canção infantil, instigou bastante a criatividade do grupo. A partir de improvisos rítmicos e melódicos, conseguimos criar uma nova melodia, à qual demos uma estrutura harmônica simplificada; tudo ali criado pelas professoras junto ao formador. A letra da canção foi escrita neste mesmo movimento coletivo de criação, baseada no livro de literatura infantil: “Maria vai com as outras” de Sylvia Orthof. Ficou bem legal! Os comentários sobre este processo de composição musical da canção estão explicitados na Parte I deste livro.

Outra vertente explorada no curso foi o registro escrito das professoras como produção de conhecimento em educação musical. Acredito que quando vivenciamos uma prática pedagógica, refletimos sobre ela e tecemos seu registro, incluindo neste, seus aspectos objetivos e subjetivos, marcamos no tempo um ponto do caminho conhecido. Este ponto nos revela indícios sobre a forma e o conteúdo deste

conhecimento integrado, apreendido por nós para ser socializado e explorado entre novos parceiros educadores, em outros pontos da nossa história.

Deste modo, inspirado pelo professor Guilherme Do Val Toledo Prado, encaminhei às professoras, participantes do curso, a proposta de constituir um “Caderno de Atividades”, com os registros dos trabalhos musicais desenvolvidos por elas, em suas unidades educativas, incluindo neste um DVD com as dinâmicas de formação apreendidas e criadas neste curso, para publicarmos na rede de educação de Campinas, como forma de conhecimento provido do saber da experiência.

Com este relatos nos aventuramos a não somente descrever possíveis atividades de educação musical, mas principalmente situar o sujeito criativo em sua prática formativa. Tornando-o não somente ouvinte de assuntos pedagógicos de seu interesse, mas fundamentalmente o produtor de seu conhecimento educativo.

Pula ou não Pula, Maria?

(Turma do curso de música 2015)

Letra da canção

*Havia uma ovelha
Seu nome era Maria
Aonde as ovelhas iam Maria também ia*

*Se a outra subia, Maria subia
Se a outra descia, Maria descia
Se a outra comia... Maria comia também*

*Até que em um certo dia
O rebanho de Maria se arriscou numa aventura
Pulando das alturas as ovelhas se jogaram
E caíram uma a uma Caía uma
quebrava o pé gritava mééé.....
Caíram todas quebraram o pé e gritaram mééé.....*

*Foi ai que Maria assustada percebeu a enrascada
Andar com as outras ovelhas era uma grande furada
Seguiu sua vida com seu próprio pé
Comendo feijoada e cantando mééé.....*

Pula ou não Pula, Maria?

(Turma do curso de música 2015)

Partitura da música

The musical score is written on a single treble clef staff in 4/4 time. It begins with a tempo marking of quarter note = 90. The key signature has one sharp (F#). The score consists of 42 numbered measures, with repeat signs and multi-measure rests (x3, x4, x1, x20) indicating repeated rhythmic patterns. The notation includes eighth and sixteenth notes, rests, and various articulation marks such as slurs and accents.

RITMO NA LATA

Por Luciane Comoli

"A criança é um ser "brincante" e, brincando faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música ela, metaforicamente, "transforma-se em sons", [...], pesquisa materiais sonoros, "descobre instrumentos", inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música de todos os povos." (BRITO, 2003)

Proposta da atividade

Tecer a experiência e vivenciar diferentes ritmos, já explorados pela turma no primeiro semestre do ano de 2015 e ainda, definir um “novo” e “nosso” ritmo para a canção – “Suíte do Pescador”, de Dorival Caymmi.- (1957)

Refrão trabalhado:

*“Minha jangada vai sair pro mar
vou trabalhar, meu bem querer
Se Deus quiser, quando eu voltar do mar
um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
e a Deus do céu vamos agradecer”*

A proposta de escolher um novo ritmo para a canção “Suíte dos Pescadores” foi desenvolvida em um primeiro momento na roda da sala através de experimentações rítmicas com palmas. Em seguida, após termos escolhido este novo ritmo para a canção nos transferimos para o pátio da escola. A experiência musical era bater com as palmas das mãos em latas de tamanhos diversos, escolhidas pelas crianças.

Finalizando este momento saímos em cortejo pela escola cantando a "suíte do pescador",

batendo o ritmo combinado, nas latas.

A atividade "Ritmo na lata" foi desenvolvida em uma turma de agrupamento III, da CEI Carrossel, do Município de Campinas. Uma turma de trinta alunos com idades entre quatro e seis anos de idade, nomeada de "Turma do Peixe". Dentro de todo trabalho de exploração do tema nas diferentes áreas do conhecimento e linguagens de expressão já vinha, de acordo com o interesse das crianças, explorando a linguagem musical através da experimentação, conhecimento e reconhecimento dos instrumentos musicais da bandinha da sala e também da pesquisa sobre as famílias dos instrumentos musicais e, suas especificidades de confecção e timbres, vivenciando e experimentando ao menos um exemplar de instrumentos de cada uma destas famílias, (que foram possíveis de providenciar como, por exemplo, uma guitarra, um violão, um teclado, um tambor africano...). O diálogo sobre os instrumentos musicais e o ritmo foi bastante envolvente nesta turma. Abordamos questões sobre a sonoridade destes instrumentos e sobre o andamento rítmico.

Desta forma, partindo do grande envolvimento e interesse das crianças pela musicalidade, para além, das cantigas infantis, apresentei ao grupo a canção de Dorival Caymmi - "Suíte do Pescador". É interessante dizer que o momento de introdução desta proposta esteve vinculado às pesquisas do projeto mascote da turma, (o peixe era o mascote), que abordava a temática das formas de vida dos pescadores, tanto ribeirinhos como os caiçaras da beira do mar. Foram assistidos pequenos documentários sobre o tema, fizemos conversas, as crianças trouxeram seus relatos e então apresentei a elas o compositor Dorival Caymmi. Iniciamos com uma conversa em roda retomando o que havíamos apreendido sobre a vida de pescador e em seguida mostrei a elas uma foto do compositor, questionando se alguém o conhecia ou se já tinha ouvido falar sobre ele. Apresentado o cantor então assistimos a um vídeo sobre sua vida, no qual também ele aparecia cantando a canção de nosso trabalho. Em seguida, ouvimos uma versão da mesma canção em outro ritmo, um pouco mais acelerado do que a do vídeo e então apresentei a letra da música, mas apenas a estrofe citada acima. Foi muito interessante, pois houve uma identificação muito grande com a canção e com o que a letra dizia e, a partir deste dia esta música virou como um tema da nossa turma, como um "hit" de sucesso entre as crianças da "Turma do Peixe". Foi tanto que, depois de um tempo, alguns familiares me procuraram admirados para relatar que seus filhos estavam cantando esta música enquanto brincavam pela casa.

A ideia de explorar sons de latas aconteceu devido à outra atividade desenvolvida coletivamente entre as turmas onde as famílias enviaram latas para a escola de diferentes formas e tamanhos para outro fim que não o da música especificamente.

Estando estes materiais disponíveis por que não explora-los musicalmente?

Primeiro apresentei a eles a ideia de "criarmos" um novo ritmo para a canção de Caymmi e eles logo se empolgaram, batendo palmas em ritmos diversos. Foi uma grande loucura....! Acalmados continuei conversando e colocando a proposta e então uma das crianças propôs: - "*que tal assim*"? Batia três palmas seguidas e depois uma. Logo os outros passaram a imitá-lo e a tentar cantar a canção dentro deste ritmo. Uma menina propôs então: "*duas palmas e uma pausa longa, duas palmas e uma pausa longa*" e assim foi este momento até definirem que seguiriam o primeiro ritmo sugerido (três palmas depois uma). A dificuldade surgiu quando transferimos este ritmo para as latas. Cada criança foi até a caixa das latas e escolheu a sua (pequenas, médias, grandes, uma ou duas de tamanhos iguais ou diferentes) e de volta à roda, tentamos reproduzir o ritmo que fizemos com as palmas. Se com palmas o primeiro momento foi uma loucura imaginem com as latas!!! Já mais organizados tentaram transferir a experiência das palmas para as latas, mas a maioria tinha dificuldade em reproduzir o ritmo combinado de três batidas mais uma, na lata. Outras demonstram não gostar do resultado, pois os sons produzidos pelas latas não eram tão intensos como os das palmas e parecia não chamar a atenção. Então, sugeri a eles batermos apenas uma vez na lata com uma pausa mais longa, fazendo uma marcação na música. Decidimos experimentar e ficou uma produção mais "limpa", sonoramente e, me pareceu mais harmoniosa quando todos nós tocávamos juntos. Vivenciamos e experimentamos na roda esta proposta rítmica, juntos por três vezes e, depois os convidei para sairmos com nossa canção, nosso ritmo e nossas latas cantando e tocando em cortejo pela escola. Andamos pelo parque, pelos corredores, pela horta e voltamos para a roda na sala onde cada um falou um pouco do que sentiram ao longo de todo o processo de experimentação. Os comentários foram diversos e contrários: - "*Adorei! - Vamos fazer de Novo*"! Ou: - "*Eu não gostei por que minha mão doeu na lata*"!

Porém, posso dizer que foram experiências e vivências intensas com o projeto mascote e com a possibilidade de apresentar para as crianças uma parte da cultura brasileira que é a pesca, a vida do pescador e, de um estilo musical muito particular e genuinamente brasileiro, da música de Dorival Caymmi, além da experimentação da

sonoridade de outros materiais que produzem sons que não só os instrumentos musicais, mas também, por exemplo, o nosso próprio corpo.

Desdobramentos da atividade

Outras características musicais foram exploradas a partir desta atividade com esta canção. Construímos barquinhos de papel em vivência com origami (cada criança confeccionou o seu) e com um pedaço de tecido (TNT) azul, imitando o mar, esticado entre as crianças sentadas na roda, colocamos um dos barquinhos no centro, imitamos os movimentos das ondas, fazendo com que ele flutuasse. Primeiramente, experimentamos os movimentos espontâneos da turma, depois cantando a "suíte do pescador" nós íamos trabalhando a intensidade tanto do movimento quanto do cantar. Em um momento o mar estava calmo com ondas tranquilas (então cantávamos e movimentávamos nesta velocidade) em outros o mar estava bravo com ondas fortes, pesadas e rápidas (aí cantávamos e movimentávamos o barquinho mais rapidamente e mais intensamente). Foram atividades muito significativas para o grupo!

Foram então diferentes experiências dentro deste projeto e dentre elas então, já perto do "fechamento" deste, veio tal proposta "ritmo na lata" descrita acima.

Porque escolhi esta atividade

Sou professora de educação Infantil há dezoito anos, atuando desde o berçário até os agrupamentos II e III e, ao longo deste período trabalhando e me construindo como educadora entre as diferentes linhas pedagógicas com as quais tive contato. Percebi que a cantiga, os sons, os ritmos, a expressão corporal, a música (cantada ou instrumental) são sempre caminhos que nos aproximam das crianças e aproximam as crianças umas das outras. A música e a musicalidade proporcionam prazer, alegria, movimento, ocupação de espaço, relaxamento, encantamento, abraço, sorriso... Enfim, a música, para além das cantigas infantis é fundamental na vida de cada uma de nós, sejamos adultos ou jovens, mas é essencial para as crianças bem pequenas e até mesmo para aquelas que ainda nem chegaram ao mundo. Respeitar a cultura musical e sonora que cada criança traz de sua família, conhecer estas culturas é muito importante. Porém, enquanto educadores, precisamos apresentar às crianças as diversidades, os outros sons, os outros ritmos, o que outros grupos apreciam. Não é só mais uma atividade para

passar o tempo só porque as crianças se envolvem; é olhar para estas propostas musicais como parte de nossa formação como seres humanos. É proporcionar a construção do gosto da criança pela música, favorecendo seu contacto com os mais diversos estilos possíveis e também possibilitando seu processo criativo.

Por fim, são muitas as reflexões que me perpassam ao longo desta trajetória profissional sobre os sons, as cantigas, músicas e musicalidade. Não consigo pensar uma proposta de trabalho sem pensar na musicalidade, sem agregar uma música apenas para relaxar e ouvirmos juntos depois de um parque agitado, uma cantiga que marca nossa acolhida diária, uma canção que propõe um abraço no amigo, o som da cigarra no parque, a porta batendo, a música de uma animação que assistimos juntos e que não sai da cabeça, a música que cantamos na roda de capoeira... a música, o som, o ritmo....

Referências para consulta:

"Marcha dos Pescadores" (Canção da Partida) (Suite dos pescadores) de Dorival Caymmi / Léo Peracchi e orquestra, 1957.

BRITO, Teca Alencar de, Música na Educação Infantil. São Paulo: Peirópolis, 2003.

NOSSA CANÇÃO NOSSA ALEGRIA

Maria Alice

Proposta da atividade

A composição musical com as crianças aconteceu através de um fato constante em nossa turma, durante o primeiro semestre. Uma aluna trazia toda semana uma rosa colhida de seu jardim. Uma rosa muito bonita, cor de rosa e que chamava atenção de todos. A rosa ficava a semana toda enfeitando nossa escola, nossa sala, nossa janela, até que ela se despetala, para a decepção das crianças. Outras flores eram trazidas pela mesma criança e por outras crianças, também...

Um dia a rosa ficou no meio da nossa roda e surgiu a ideia de cantar para ela. Vamos cantar para a rosa? Mas que música? E várias sugestões foram dadas, até que lancei uma ideia de fazer uma música para a rosa! As crianças adoraram!

E então, como se faz uma música? Fomos conversando e primeiro falamos da história da rosa, de onde ela veio que cor era, onde ela ficava. Também falávamos e cantávamos às outras rosas que as crianças trouxeram...

As crianças foram se empolgando e falando das flores, da beleza e do encantamento que elas nos proporcionam. E assim fomos escrevendo com palavras e algumas rimas nossa letra de canção.

*ERA UMA ROSA COR DE ROSA
DO JARDIM DA MANUELLA
QUE VEIO PARA A ESCOLA
ENFEITAR NOSSA JANELA*

*AS ROSAS TÊM MUITAS CORES,
VERMELHA, BRANCA, AMARELA,
LARANJA ROXA, VERDEEEE,*

E TAMBÉM AZUL

*UMA ROSA AMARELA
TAMBEM VEIO PARA A ESCOLA
ELA ERA BEM BONITA
A YSABELI QUE TROUXE ELA*

*MUITAS FLORES, MUITOS VASOS,
COLORINDO NOSSAS VIDAS
ENCHENDO DE ALEGRIAAAAA
NOSSOS CORAÇÕES.*

Mas e aí? Como cantar tudo isso? Como colocar música, ritmo e melodia nesta linda história? Fomos lendo a letra, batendo palmas inventando alturas sonoras, paradinhas, fomos dando sonoridade e movimento.

A melodia foi tomando forma e as crianças cantarolando.

Essa atividade foi realizada em etapas e por diversos dias: primeiro a letra composta por todos, em outro dia lemos de novo e brincamos com os sons, com palmas e com a letra da música, em outro dia cantamos a primeira parte, e depois em outros dias foram surgindo novas ideias.

Trabalho criativo com a música

Permitir e proporcionar diferentes experiências rítmicas para as crianças, com instrumentos variados pendurados em sala de aula, confeccionando instrumentos, conhecendo os diferentes sons de cada um com brincadeiras de escuta e de silêncio; variados estilos musicais como o clássico, o jazz, o samba, o chorinho, o instrumental, cria um amplo e rico repertório para que elas possam vir a ter experiências de criação na área da música.

Exploramos muito o ritmo em nossas brincadeiras diárias, por exemplo, na chamada dos nomes sempre cantando, exploramos a criatividade, a expressão das crianças, então conseguimos compor nossa música baseado em nossas experiências com ritmos e exploração dos instrumentos.

Porque escolhi esta atividade

Sou professora de educação infantil durante 25 anos na prefeitura de Campinas. A música sempre esteve presente em meus planejamentos e intenções e realizações com as crianças. Apesar de minha formação técnica musical, paralela à pedagogia, sempre procurei complementar minha formação com cursos voltados à música, acreditando nessa importância para a formação das crianças.

A música está presente na vida da criança em diversos momentos, em casa, na televisão, nas propagandas, nos parques, no carro. E a criança é todo movimento, com gestos com expressões... Por isso é tão significativo, mágico e importante cantar e desenvolver a educação musical para as crianças.

A música acalma e excita! A música mexe com emoções e situações, por isso a importância de se ouvi-la e pensá-la criticamente.

Já vinha trabalhando com as crianças os elementos sonoros, a bandinha, os ritmos, os instrumentos e a apresentação do instrumento flauta no ano de 2014 com minha turma, que naquela ocasião fora a turma do trem e, pudemos ouvir a música *Trenzinho Caipira* de Villa Lobos em diversos arranjos, ouvindo e interpretando com o corpo, rápido e devagar, escolhendo instrumentos e ouvindo a melodia na flauta. As crianças que se interessaram trouxeram a flauta e compomos nosso arranjo com os instrumentos da bandinha rítmica e as flautas, fazendo o som, por exemplo, do apito do trem em um momento específico da melodia desta canção.

No ano de 2015, também trabalhamos a música dentro de uma proposta mais geral da área de artes, refazendo o teatro da “Frozen” (Desenho animado, longa metragem da Disney) com cenário, figurino, música, canto, sonoplastia, narração e efeitos especiais. Apesar de esse tema ter sido tão explorado pela mídia, para nós da turma foi motivador e divertido cultivar essa experiência e tecer esta relação entre as linguagens do conhecimento infantil. As crianças ainda falam muito deste nosso momento.

Este curso em especial: “A criatividade do trabalho com música” me chamou a atenção e me proporcionou diferentes experiências com as crianças. A troca de experiência entre os participantes do curso, a dinâmica das propostas do curso com possibilidades criativas me permitiu arriscar mais em meu fazer pedagógico, como: dramatizar uma história com sonoplastia dos instrumentos musicais, trabalhar com a expressão corporal, os elementos cênicos, narração e efeitos especiais. O canto, a voz,

alturas e intensidade, aquecimento vocal com diferentes brincadeiras, o ritmo com aquecimento corporal permitindo o corpo sentir a pulsação, sentir o movimento. Propor atividades com estes conteúdos no dia a dia das crianças é uma alegria e nos permite mais leveza em nosso fazer pedagógico com elas.

Tenho a certeza de que a educação musical, quando expressa de forma estimulante, com possibilidades criativas, em diversos momentos e não só, por exemplo, para determinadas situações de rotina escolar, promovem crianças mais livres para criarem com a arte, mais sábias em suas escolhas artísticas.

As músicas, brincadeiras cantadas e brincadeiras com o corpo e ritmo são muito importantes para a aquisição de outras linguagens, tal como a leitura e a consciência corporal, fazem parte do currículo da educação infantil, permitindo à criança organizar sua forma de pensar, o que leva a aquisição de muitos conhecimentos e aprendizagem de maneira prazerosa e verdadeira. Aquilo que se aprende fazendo, descobrindo caminhos e com interesse se aprende para sempre.

“O VALOR DAS COISAS NÃO ESTÁ NO TEMPO QUE ELAS DURAM, MAS NA INTENSIDADE COM QUE ACONTECEM.”

(Fernando Pessoa)

Referências bibliográficas

BRASIL, Referencial Curricular para a Educação infantil / Secretária de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. 3ºv: il.

BRITO, Teca Alencar, “Música na Educação Infantil”. São Paulo: Peirópolis, 2003.

“TURMA DO PEIXE”: NAVEGANDO PELAS ÁGUAS NORDESTINAS

Rosinete Setubal

Em meados do mês abril, do ano de 2015 ingressei na Rede Municipal de Campinas para trabalhar como professora da educação infantil no CEI Amélio Rossin. Minha turminha era o Agrupamento III G, atualmente com 25 crianças.

O tema anual da escola foi o Multiculturalismo. Dessa forma, enviamos para as famílias um formulário de pesquisa para sabermos de quais regiões do Brasil eram os pais e familiares das crianças desta unidade escolar.

Na minha turminha havia uma quantidade considerável de pais que vieram da Região Nordeste e por eu ser de lá também, decidimos que seria a Região a ser trabalhada com os pequeninos.

Decidi que o primeiro tema a ser estudado seria a Lenda do Bumba-meu-Boi. Iniciei o trabalho buscando contato em Campinas com pesquisadoras da cultura maranhense. Elas me auxiliaram bastante com o trabalho com as crianças, disponibilizando o Boi em miniatura! As crianças ficaram maravilhadas com esta diferente cultura apresentada a elas.

Após a contação da Lenda do Bumba-meu-Boi, decidimos fazer uma apresentação para a escola. Mas para isso tínhamos que confeccionar o boi. E assim começamos os trabalhos juntos... Utilizamos papelão, revistas, cola, para fazermos a papietagem e moldar o nosso Boi...

Depois do Boi coberto e moldado o cobrimos com papel camurça preto e as crianças foram confeccionar os “bordados”, com colagem de lantejoulas, cola colorida e cola *glitter* para enfeitar o “couro” do Boi.

Após a finalização do boi, apresentamos o Auto do Bumba-meu-Boi para as crianças da Creche. Elas ficaram encantadas!



Crianças confeccionando o Boi (maquete)



Crianças brincando com o Boi. CEI Amélio Rossin, ano de 2015.

Nesse período, estava participando do Curso: “A criatividade do trabalho com música” com o Prof.º Daniel B. Calipo, que foi oferecido aos professores do município de Campinas desde o primeiro semestre do ano de 2015.

Mas senti que faltava algo... E veio a inspiração!

As crianças ouviram e cantaram muitas toadas de Bumba-meu-Boi, porém, não criamos nenhuma nossa!

Assim, sentei-me por várias vezes, em roda com as crianças, propondo a criação de uma música à Turma do Peixe. Elas gostaram da ideia, alguns muito tímidos no início, mas outros soltavam as estrofes em disparada. Outros corrigiam a rima, sugeriam outras palavras, inseriam novas informações. Foi um momento muito rico, em que eu, como mediadora e escriba da letra, ia colocando em prática muitos conceitos aprendidos no curso, principalmente a valorização da espontaneidade e criatividade das crianças.

Como havíamos trabalhado há pouco os diversos sotaques do Bumba-meu-Boi, decidi que seria nesse ritmo, porém mesclado com a melodia da música “*Minha História*” de João do Vale. (portanto uma canção inspirada em outra, tendo os recursos desta outra melodia, já conhecida, como base para a nova criação). Eles ouviram a referida música e fomos fazendo os ajustes, entonações, alturas, intensidades: “fraco e forte” da música, durações, harmonias... Também confeccionamos chocalhos de potinho de iogurte para acompanhar a nova canção de forma rítmica.

Percebi nesse processo de criação com os pequeninos, quanto os conceitos aprendidos e vivenciados no curso de composição musical contribuíram positivamente, tanto para minha formação como professora (nas propostas de atividades com as crianças, trazendo a música não apenas como “marcos” de momentos específicos: deslocamento, arrumação do brinquedo, alimentação, entre outros), quanto para minha percepção acerca da música que escuto cotidianamente e, agora até arrisco cantarolar coisas novas por aí... Afinal, “quem canta, seus males espanta”!

A música proporciona o desenvolvimento integral da criança! Compor música com elas se torna um momento enriquecedor e repleto de aprendizado!

SONORIZAÇÃO DA HISTÓRIA “UM TANTO PERDIDA”

Simone Cristina do Couto Furquim

Proposta da atividade

Sonorizar uma história inventada pela turma que será dramatização pelas crianças através de uma peça teatral, utilizando os instrumentos da “bandinha rítmica” e outros objetos, bem como o próprio corpo e a voz. Com isso tenho a intenção de incentivar a criatividade das crianças na produção de sons que representem a própria história delas, assim como lhes propiciar vivências à construção de novos conhecimentos sonoro-musicais e corporais, através do contato e da exploração dos instrumentos musicais da “bandinha”, utilizando-os como recurso para uma apresentação teatral.

Comecei elaborando uma roda de conversa para pensar junto com as crianças sobre os sons possíveis de existir na peça teatral; aqueles emitidos pelos animais, pelos eventos climáticos, pelos personagens e objetos do cenário onde se passa nossa história. A partir deste levantamento dos sons da história, passamos a explorar os instrumentos musicais e demais objetos sonoros, como por exemplo: a chapa de radiografia. Apresentamos um a um na roda, de modo que todos pudessem tocá-los, buscando associar estes sons emitidos pelos instrumentos com sons desejados em nossa história.



Resignificando o som do agogô. CEI Sônia Lenita, ano de 2015

Este momento de exploração dos instrumentos musicais e dos objetos sonoros foi também de reflexão e criação, pois consideramos as opiniões, ideias e sugestões de todos os integrantes do grupo sobre as semelhanças dos sons com os atos da peça. Elaborei um registro escrito sobre este momento, a fim de sintetizar e organizar nossas descobertas e escolhas para serem utilizadas posteriormente no teatro.

Esta atividade de sonorização da história foi parte de um projeto maior da turma, que para o segundo semestre de 2015 escolheu abordar a temática: “Os nossos medos”. Fizemos diversas leituras sobre este tema através da literatura infantil, e por fim selecionamos dois livros muito apreciados por todos: “Um tanto perdida” de Chris Haughton e “Quem tem medo de monstro?” de Ruth Rocha. Estas duas histórias foram incorporadas numa só história com a proposta de realizarmos sua dramatização e apresentação para as famílias em nossa confraternização no final do ano. As crianças foram envolvidas em todo o processo, desde a escolha das histórias, a divisão dos personagens, a elaboração dos diálogos, a dramatização, a confecção do cenário, dos adereços e de sua sonorização. A linguagem musical não pôde ficar de fora deste processo, também sendo pensada e produzida na coletividade.

Com disse, listamos todos os sons possíveis que apareceriam na peça. Estes foram os seguintes: sons da Coruja, dos Sapos, do Urso, da Bruxa, dos trovões, da chuva, dos Fantasmas, dos Vampiros, do relógio da casa mal-assombrada, da goteira do telhado, da campainha da casa e dos passos de pessoas. Após a exploração dos instrumentos musicais da bandinha e de outros objetos que continham na roda, além do processo de criação e produção destes sons conseguimos também elaborar uma seleção daquilo que iríamos utilizar em nosso teatro, organizando esses instrumentos e objetos em uma caixa, os quais foram classificados da seguinte forma:

Coruja – *apito*

Sapos - *reco-reco e caixa block*

Trovões - *chapas de RX*

Chuva - *pau de chuva, maracas, ganzá e chocalhos*

Pegadas dos monstros - *chinelos batendo no tambor*

Vampiros e Morcegos – *caxixi*

Relógio antigo e Goteria – *caixa block*

Campainha – *agogô*.

Além disso, tem a risada da Bruxa e o som dos Fantasmas.



O apito: CEI Sônia Lenita, ano de 2015

Por fim, esses instrumentos selecionados voltaram a passar pelas mãos de todas as crianças, a fim de que todos experimentassem novamente e produzissem esses sons da história.



Resignificando o som do Surdo. CEI Sônia Lenita, ano de 201.

Porque escolhi esta atividade

Trabalho como professora efetiva na educação infantil da rede municipal de Campinas há quinze anos, sempre com a mesma faixa-etária, crianças de três a seis anos de idade, atualmente atuando no CEI Sônia Lenita G. T. Câmara, localizado na Vila Padre Anchieta. Todos os anos eu participo dos cursos de formação oferecidos pelo Cefortepe, por considerar essencial esta atualização e socialização profissional. Já realizei outros cursos com essa temática da música, mas sempre me senti insegura para inovar nesta área, por acreditar que me falta maior aprofundamento teórico e experiência nesta linguagem, além da escassez de recursos e materiais nas escolas.

Porém, através deste curso aprendi que não é preciso ser músico ou ter uma ampla formação musical para trabalhar com essa linguagem com as crianças, para além daquelas tradicionais atividades de reprodução de um conhecimento pronto, como por exemplo, cantar músicas infantis nas rodas, nas filas, no lanche, imitando gestos, sons e movimentos estereotipados. O desafio proposto neste curso foi envolver as crianças num processo de criação e composição musical, onde elas tivessem liberdade de para se expressarem e construírem novos conhecimentos. Essa perspectiva mais criativa do trabalho com música vem ao encontro do que acredito como princípio da educação, que privilegia o protagonismo da criança, isto é, a sua participação ativa no processo de ensino e aprendizagem, como produtora de cultura e de conhecimento, bem como o ensino como um processo democrático, de troca e de diálogo entre todos os sujeitos envolvidos.

A pedagogia de projetos é uma metodologia que se aproxima muito desta concepção de educação, a qual eu tenho estudado e buscado desenvolver em meu trabalho. Vivenciando as experiências musicais neste curso consegui ter mais referências para planejar e aplicar uma atividade musical nova, que envolvesse as crianças de maneira mais ativa e significativa nos processos de aprendizagem. Ouvir e dialogar com as elas e ainda considerar seus saberes musicais, opiniões e sugestões é um grande desafio para nós professores, pois não fomos educados desta maneira. Por isso, uma formação inovadora como essa amplia nossos horizontes e possibilidades.

Outro aspecto importante a ser destacado é a insegurança de se trabalhar com a bandinha rítmica e gerar muita desordem e ruídos, não conseguindo organizar uma atividade. Por isso, o planejamento foi crucial. A exploração sonora das crianças esteve intimamente ligada à escolha dos sons do teatro, integrada a uma atividade repleta de significados para elas, com sua participação em todas as etapas. Desta maneira, evitaram-se bagunças e destruição dos instrumentos, porém sem deixar de permitir a interação das crianças com esses materiais. Os sons estiveram intimamente ligados à busca de algo novo ao grupo. Tivemos organização, regra, sequência, liberdade, aprendizado e diversão nesta atividade.

APROPRIAÇÃO DA BANDINHA RÍTMICA

Arlete Simone Ribeiro

“ Professor bom é aquele que está sempre aprendendo. ”

(Rubem Alves).

“A música é uma fonte de estímulos, equilíbrio, emoção e felicidade. É a arte e ciência de explorar e combinar os sons do Universo, permitindo a expressão de nossos sentimentos. “A linguagem musical é um meio de alcançar a educação da pessoa inteira, criativa e crítica, onde os bons resultados no ensino da música serão alcançados pela adequação das atividades, pela postura crítica do educador, facilitando a aprendizagem, proporcionando situações enriquecedoras, organizando experiências que garantam a expressividade infantil.”

(Nereide Schilaro Santa Rosa).

Proposta de atividade

Antes de iniciar os trabalhos com os instrumentos próprios da bandinha rítmica da escola, pensei em explorar os sons, ritmos e movimentos com outros objetos sonoros a fim de sensibilizar as crianças do universo musical. Assim propus, em um primeiro momento que elas manipulassem copos descartáveis, batendo-os no chão, na mesa, amassando-os, de modo que o elemento sonoro fosse percebido e trabalhado pela criança livremente. Após a este momento de experimentação e exploração sonoromusical, propus que as crianças confeccionassem seus próprios instrumentos musicais se utilizando de garrafinhas plásticas, contendo dentro variedades de conteúdos sonoros, tal como: pedrinhas, arroz, feijão, milho. Quantidades de dois dedos, mais ou menos, para cada garrafinha. Com os chocalhos prontos, selecionei uma música da cultura popular: “Trenzinho Caipira” de Vila Lobos, a qual estava trabalhando no curso de música de 2015, ministrado no CEFORTEPE, para que as crianças pudessem tocar

seus instrumentos junto a esta canção. Neste momento me atentei a desenvolver com as crianças dois conceitos preliminares da música: o andamento rítmico (rápido e devagar) e a intensidade sonora: (fraco e forte).

Após o término deste primeiro momento de exploração sonora com os instrumentos de material reciclado, iniciei o contato com os instrumentos da bandinha. Pensei em conduzir uma proposta baseada na curiosidade, a fim de atingir a maior concentração da turma para o primeiro contato com os instrumentos. Entrei na sala dizendo que hoje havia uma surpresa! Com todos sentados em roda, retirei de um saco plástico preto um instrumento musical de cada vez. Demonstrei como se tocava um por um e em seguida, deixei que as crianças tocassem livremente o que quisessem, de maneira que bem pretendessem. (Houve criança que não quis tocar nenhum e eu respeitei).

Desenvolvi, em um segundo momento, uma dinâmica dirigida para a manipulação destes instrumentos da bandinha. Apresentei para as crianças a figura do maestro de orquestra, o qual regia seus músicos com uma varinha, “como uma fada madrinha e sua varinha mágica”. Porém, no caso, regeria as crianças com os movimentos das minhas mãos. Com todos sentados em roda combinei os seguintes movimentos com as crianças: quando minhas mãos estivessem abertas os instrumentos poderiam ser tocados. Quando fechadas a turma deveria permanecer em silêncio. Para retomar e trabalhar os conceitos de intensidade musical, combinamos que quando minhas mãos fossem para baixo, as crianças deveriam buscar emitir um som fraco com os instrumentos, com as mãos para cima, um som forte. Ainda outro combinado foi colocado. Com minhas mãos tremendo, somente os chocalhos e triângulos deveriam ser tocados.

Comentei também na roda com as crianças que cada instrumento tinha uma sonoridade diferente, semelhante a nossa voz, uns são mais graves (grosso), outros agudos (finos). Após a estas dinâmicas coloquei algumas músicas para que as crianças acompanhassem livremente com os instrumentos musicais.

Em outro momento propus outra atividade às crianças neste mesmo viés da apropriação dos instrumentos da bandinha, adaptando uma canção do mundo infantil para a exploração sonora destes instrumentos. Escolhemos a música “Sítio do seu Lobato”: e a readaptamos da seguinte forma

*“As crianças tem uma Bandinha”! ia-ia-ô ...
E nessa Bandinha tem um TAMBOR ... Ia-ia-ô ...
Era: tum, tum, tum, para cá ... lá
Era: tum, tum, tum para todo lado ... ia-ia-ô ...*

Dispus as crianças na roda, cada uma com um instrumento diferente. A cada estrofe eu trocava o instrumento citado no verso da canção, de modo que somente este instrumento citado podia ser tocado. Associando assim, de forma lúdica, criativa, prazerosa e divertida o nome do instrumento com o seu respectivo som. As crianças entusiasmadas aguardavam o nome de seu instrumento ser cantado na canção, para que elas os pudessem tocar.

Acredito que se utilizarmos e respeitarmos os tempos, espaços, ritmos, movimentos das crianças nas atividades de música, integrando esta última ao cotidiano e ao mundo imaginário das crianças, poderemos supor que os seguintes conteúdos possam ser trabalhados e percebidos pelas crianças:

Percepção: memória auditiva e visual.

O ritmo (movimento).

A desinibição.

O saber ouvir os sons.

Movimentos corporais.

A orientação espacial – posição, direção, lateralidade , roda ...

A expressão facial e corporal.

A intensidade dos sons - forte/ suave.

A duração dos sons – curto/ longo.

A percepção do silêncio.

Os andamentos – lento/ moderado/ rápido.

Timbre (Características do som).

A criatividade.



Instrumentos da bandinha

Porque escolhi esta atividade

Eu sou professora há 20 anos, trabalho atualmente com crianças do AGIII do CEI “Regente Feijó”. Sempre atuando na Educação Infantil. Nos primeiros anos de magistério trabalhei com berçário. Realidade que me fez refletir de como a música chamaria à atenção dos pequenos de modo suave, prazeroso, expressivo, estimulando as percepções das crianças de modo geral. Participei de Grupos de formações de Dança de Roda, onde sempre se envolvia a música e o movimento. Isto porque acredito que a criança é sensibilidade (música) e resposta (movimento). Não tive pré-escola na minha formação. Entretanto, possuo lembranças da minha primeira infância, no quintal de casa, brincando num balanço de cordas na árvore e cantando músicas que eu ouvia no rádio, tipo: "E viva Rosa" do Moacir Franco. Lembro-me também das músicas que minha Mãe nos cantava... "Se essa rua fosse minha...", "O Cravo brigou com a Rosa", "Terezinha de Jesus", etc.

Enfim, a música marca através das emoções. É por isso que para mim, a música é fundamental como forma e conteúdo de realizar o ensino-aprendizagem de modo efetivo e espontâneo com as crianças pequenas. Acredito que a música dá vida à escola e, é por isso que precisamos dela para transformar a educação de nossas crianças em MOVIMENTOS DE PRAZER E ALEGRIA, pois ao explorar a linguagem musical, elas passam a criar, a se expressarem, a explorarem o ambiente e os objetos sonoros, construir o conhecimento e se tornarem seres humanos mais musicais.

Referências bibliografia

JANNIBILLI, Emília D. - “ A música na Escola, Ed. Poligráfica Ltda.

JEANDOT, Nicole. -“Explorando o Universo da Música”, Ed. Scipione.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. – “ Brincando de Música “, Ed. Kuarup.

PRADO, Guilherme do Vale Toledo e SOLIGO, Rosaura. “ Memorial de Formação:
Quando as memórias narram a história da formação ” .

O RITMO É SEU!

Rejane Ricarda da Silva

Proposta da atividade

O Objetivo desta atividade foi trabalhar, primeiramente, diversos ritmos conhecidos com as crianças, para que, em um segundo momento, elas pudessem experimentar a criação de seu próprio ritmo, cantando e tocando instrumentos musicais da bandinha. Para isto utilizei o livro musical: “Músicas daqui Ritmos do mundo” e, os instrumentos da bandinha da escola.

Assim, apresentei o livro para as crianças, juntamente com um cd, que o acompanha. Este livro conta as aventuras de três amigos que saíram pelo mundo em busca de ritmos musicais diferentes. Após ouvirem a história e as músicas, convidei as crianças a colocarem, espontaneamente, com a ajuda dos instrumentos musicais, ritmos em outras músicas populares que não as do Cd; músicas conhecidas por elas, de seus repertórios. Uma das canções que quiseram ritmar foi: “Parabéns a você”.

Dividimos os instrumentos em graves e agudos, formando com as crianças duas fileiras, uma de frente para a outra. Combinamos que as crianças com os instrumentos agudos começariam cantando e tocando, e as crianças com os instrumentos graves fariam os intervalos, ou seja, as crianças com os instrumentos agudos fariam as partes cantadas da música, por exemplo: parabéns a você... nesta data querida... muitas felicidades... muitos anos de vida... E as crianças com instrumentos graves tocariam três vezes bem forte entre estas frases, que aqui chamei de intervalos da canção (onde estão as reticências; onde não se cantam os versos da canção).

As crianças adoraram e quiseram repetir por vários dias, trocando de instrumentos entre elas. Esta atividade resultou na apresentação da festa de aniversário das crianças da escola, quando elas tocaram com os instrumentos musicais a música “Parabéns a você”. Neste dia, já era combinado das crianças se vestirem com fantasias para a festa, tornando o dia mais alegre e festivo. Então, para a apresentação, cada criança escolheu seu instrumento (grave ou agudo) e também sua fantasia. Foi uma

experiência muito alegre e que propiciou o uso da criatividade e da espontaneidade das crianças em seu contato com a música, construindo conhecimentos ao mesmo tempo em que brincavam!

Porque escolhi esta atividade

Sou professora de educação infantil há 19 anos e atuo hoje no CEI Apóstolo Paulo em Campinas-SP. Escolhi trabalhar com ritmos, porque gosto muito de cantar com as crianças e de fazer brincadeiras que envolvam o ritmo e o corpo, como por exemplo, palmas, estalar o dedo, ou a boca, bater os pés, ou bater as mãos em partes do corpo produzindo sons.

Nas rodas de músicas, as crianças sempre querem cantar músicas conhecidas ou desconhecidas e fazer movimentos inventados por elas. Já havia colocado este cd do livro para que as crianças dançassem livremente e percebi que gostaram muito de variar os ritmos. Então aproveitei o cd, para contar a história, que em seu contexto mostra que a música está presente em diversas culturas, refletindo a felicidade de seus povos.

Acredito que todo conhecimento deva partir das curiosidades das crianças, do que elas gostam e se interessam. Trabalho muito com projetos e valorizo as ideias e contribuições das crianças. Por isto, acredito que propor às crianças momentos de criação musical, e ainda, a socialização daquilo que aprenderam brincando, torna o conhecimento mais significativo e rico para elas.

Esta minha concepção está pautada na obra de Vygotsky, em sua premissa principal de valorizar o contexto social em que a criança está inserida, partindo de sua realidade para tornar o conhecimento mais significativo. A música do “Parabéns a você” é a realidade delas na escola hoje e, neste caso, foi o que elas quiserem trabalhar musicalmente.

A pedagogia de projetos veio enriquecer muito a minha prática pedagógica, pois antes, no começo de minha carreira como educadora, quando não tinha esta visão realizava atividade pelo simples fato do fazer por fazer, sem contextualização ou sem priorizar o que as crianças já sabiam ou se interessavam por fazer. Com a pedagogia de projetos pude perceber que a participação das crianças na escolha da atividade é

fundamental para o sucesso da aprendizagem. O processo é mais valorizado que o resultado. Este último é consequência dos conhecimentos construídos coletivamente pela turma.

Referência bibliografia

BARBOSA, Mariana Carmen Silveira. “Projetos Pedagógicos na Educação Infantil”. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MUTARELLI, Zezinho. “Músicas daqui e Ritmos do Mundo: uma aventura de Felícia, Joel e Zeca”. São Paulo: Fabrica Livros e Brinquedos, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl. “Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico”. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

CRIANDO A MÚSICA DA MASCOTE

Maria Angélica Baraçal

“Turma da Borboleta”

(composição musical e ilustrações da turma)

A borboleta bota ovos
Nas folhas escondidinhas
Nasce uma lagarta
Que come, come noite e dia

Depois de bem gordinha
Um casulo ela faz
Pra ficar quentinha E
poder descansar

Refrão: Turma da borboleta
Turma da borboleta-ta

Depois de muito tempo
O casulo começa a abrir
Olha que linda mágica A
borboleta a sair

Com antenas pra cheirar
E perninhas para sentir o gosto
Espirotromba pra sugar Somos
a borboleta !

Proposta da Atividade

Minha intenção com a esta atividade foi a de criar uma canção para a mascote de sala da turma da Borboleta, do CEI Benjamim Constant, local em que atuo há mais de 14 anos como professora. Esta intenção esteve relacionada a toda vivência e estudos, a cerca do tema da borboleta, que nossa turma estudou no ano de 2015. Pensei que a letra dessa canção pudesse representar o que aprendemos neste ano e que, sua melodia fosse uma criação coletiva das crianças.

Para tanto, utilizei-me de diversos materiais, a fim de inspirar as crianças para a criação da letra da canção: pesquisas vindas de casa, da família sobre o tema em estudo, leitura de livros de histórias sobre a borboleta, pesquisa de campo no parque, floreiras, jardins...

A ideia de criar uma música da mascote surgiu do próprio interesse das crianças (que adoram cantar) em poder cantar, dentre tantas outras canções cantadas na educação infantil, também uma música que representasse a turma e fosse de autoria delas. Então, começamos a nos lembrar de tudo o que já sabíamos sobre a borboleta e, ao passo que as crianças iam falando, tentando rimar palavras, ia escrevendo a produção na lousa, criando assim a letra da canção. A cada estrofe que compúnhamos, ia tentando com as crianças introduzir algumas notas para a linha da melodia, bem espontaneamente.

Também combinamos alguns gestos para interpretar a letra da canção, uma vez que isto se tornou uma prática da turma nos momentos em que cantávamos. (sempre que me proponho a cantar com as crianças, elas mesmas querem marcar a canção com gestos e, com nossa música da mascote não poderia ter sido diferente). Acredito que o lúdico é a melhor forma de potencializar o aprendizado musical com as crianças.

Depois de todas as estrofes criadas, melodia acertada e gestos combinados com as crianças, por último pensamos num refrão, que fosse um pouco diferente da melodia que havíamos criado para as estrofes.

Por fim, a música ficou pronta... Todos puderam cantar com muita satisfação e interesse a NOSSA música!!!!.

Por que escolhi esta atividade

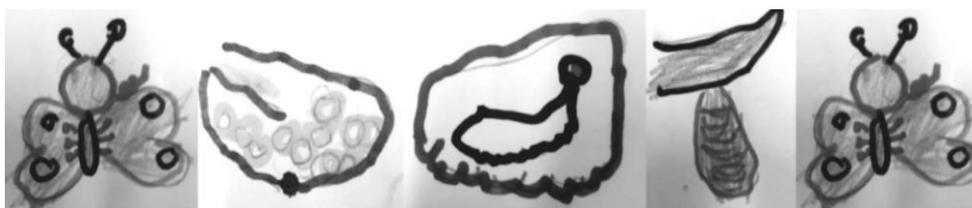
A música sempre fez parte da minha vida. Desde pequena me lembro de acompanhá-las pela rádio, TV e, me sentia bem, cantarolando pelos cantos.

Quando optei pelo magistério, já sabia que todo meu trabalho estaria conectado com a música, a canção, a magia e alegria de cantar, de estar de bem com a vida. Acredito que o prazer pela aprendizagem tem que estar acompanhado da alegria e magia do som, do movimento, da desenvoltura e bem estar que a música oferece. Durante toda minha jornada como professora, tive a preocupação primordial de que a criança tivesse momentos de aprendizagem envolvidos e baseados na alegria, na diversão, no prazer de brincar, cantar, recitar, criar; socializar; enfim, estar feliz no ambiente escolar.

Nesse sentido, acredito que a música é parte integrante do processo de aprendizagem, fazendo com que o canto, a criação de canções, tocar e interagir com instrumentos musicais, prontos ou produzidos pelas próprias crianças, produzam conhecimentos.

Em particular, o curso de música oferecido pela Secretaria de Educação de Campinas, ministrado pelo professor Daniel, do qual tive a oportunidade de participar, muito me auxiliou nesta atividade de composição musical com as crianças e, aprofunda ainda mais minha certeza da importância da música na educação e na vida. Durante o curso, pude participar da criação de uma canção, a partir de uma história; e isso me incentivou ainda mais a me lançar, mais uma vez (pois já havia desenvolvido esse trabalho em outros momentos da minha jornada na educação infantil), em mais uma aventura de criação. Este tipo de atividade pra mim sempre foi um desafio, prazeroso e tenso ao mesmo tempo. Isso porque me parece ser de muita responsabilidade criar uma nova canção, com melodias autorais e que fosse do interesse das crianças.

Enfim pude notar que as crianças realmente gostaram de participar de todo processo de criação da canção, demonstrando cantar com prazer e alegria, sua música de autoria própria.



Ciclo de vida da Borboleta. CEI Benjamim Constant, ano de 2015.